

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS
Departamento de Ciência Política - Especialização em Políticas Públicas

Naiane de Andrade Nascimento Pechir

**O ENVOLVIMENTO DAS MENINAS DE PERIFERIA NA
CRIMINALIDADE VIOLENTA**

Belo Horizonte

2012

Naiane de Andrade Nascimento Pechir

O ENVOLVIMENTO DAS MENINAS DE PERIFERIA NA CRIMINALIDADE VIOLENTA

Monografia apresentada ao curso de Pós Graduação de
Ciência Política da Universidade Federal de Minas
Gerais como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Políticas Públicas.

Orientador: Carlos Roberto Horta

Belo Horizonte

2012

Naiane de Andrade Nascimento Pechir

O ENVOLVIMENTO DAS MENINAS DE PERIFERIA NA CRIMINALIDADE VIOLENTA

Monografia apresentada ao curso de Pós Graduação de
Ciência Política da Universidade Federal de Minas
Gerais como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Políticas Públicas.

Carlos Roberto Horta

Eduardo Meira Zauli

Belo Horizonte, 28 de Novembro de 2012.

*Dedico este trabalho, e todo o esforço do
meu trabalho, aos jovens e às jovens das
periferias brasileiras.*

AGRADECIMENTOS

A construção desse trabalho se deu com muito esforço, disciplina e desejo. Para tanto, foi preciso contar com uma grande equipe que contribuiu, cada um a seu modo e a seu tempo. Agradeço a todos que torceram e contribuíram para essa construção. Em especial agradeço:

Ao Bebeto, por ter topado esse desafio, pelas orientações leves e construtivas e por confiar no meu compromisso.

Ao professor Eduardo Zauli pela gentileza de avaliar esse trabalho.

Aos professores Juarez Dayrell e Luiz Rena pela disponibilidade de compartilhar teorias e reflexões acerca da juventude.

Ao Paulo que, com carinho e cuidado se pôs a orientar minha escrita, meu pensamento e meu trabalho em vários momentos da minha trajetória e, com uma forma especial nesse trabalho.

Agradeço ao meu marido, Edson Junior, que compreende a minha sede e inquietação pelo conhecimento e respeita minhas causas de trabalho. É com amor, que lhe agradeço.

Agradeço ao Marivaldo, meu pai, que participou ativamente e quase diariamente das alegrias e desafios dessa escrita, preocupando-se e opinando em cada etapa. À Mira, minha mãe que, com sua admiração me incentiva ao crescimento. À Yann, meu irmão pela torcida distante.

Agradeço ao apoio das famílias Andrade e Lopes. A finalização desse trabalho representa o fim de mais uma etapa que vocês acompanharam de perto, porque a distância física não abala nossa proximidade. Obrigada por todo o apoio.

Às amigas Tatiana, Maria, Mariana, Renata, Raquel e Keity, e ao amigo Vanderli pela contribuição com materiais, reflexões, incentivos, e por provocar em mim novos pensamentos sobre a posição do feminino e do jovem no mundo atual.

Agradeço ao Hermes, que gentil e fielmente transcreveu as entrevistas contribuindo para a finalização deste trabalho.

À Aytube, pela disposição em ajudar na formatação.

O meu humilde “muito obrigada” às jovens que confiaram no meu sigilo e no meu cuidado, dispondo-se a falar sobre sentimentos, relações e vivências (às vezes tão íntimas), contribuindo de forma singular com esse trabalho. São vocês, que, mesmo sem saber, provocam minha inquietação, convocando-me ao trabalho.

É preciso, antes de mais nada, exorcizar espectros e estigmas, preconceitos e simplificações. É preciso, com urgência e coragem intelectual – e ousadia ética, eu acrescentaria -, debruçar-se sobre o drama da juventude brasileira e esforçar-se por compreendê-lo, abrindo a cabeça e o coração. É nosso dever pelo menos tentar. (SOARES, 2004).

RESUMO

Este trabalho visa explicitar a relação que jovens meninas residentes das periferias brasileiras estabelecem com os crimes violentos, especificamente os atos ilegais que estão em torno do tráfico de drogas. No Brasil, os crimes violentos têm rosto e endereço. São os jovens, negros, residentes de periferia que estão à frente desses crimes e consequentemente são eles que matam e que morrem. Esse retrato da violência é fruto da precariedade financeira e da má assistência estatal. As favelas carregam entre suas características, a violência, o que acarreta grande preconceito para as pessoas que residem nesse lugar como se todos os moradores fossem violentos. A juventude vinculada à violência é um tema que cada vez assume mais importância, sendo noticiado, discutido e polemizado em todo o país. A violência tem sido abordada através de políticas públicas e ações de instituições que visam o bem estar social. Apesar da pobreza e da desigualdade social serem, muitas vezes, fatores explicativos para a incidência de crime, é importante ter o cuidado de não colocá-los como um determinante da opção pelo crime violento. Tanto o uso de drogas, quanto a incidência de crimes violentos, acontecem nas diversas classes sociais, mesmo se apresentando de diferentes formas a partir do contexto socioeconômico. Este trabalho tem como um de seus recortes a juventude pobre da periferia, a qual não tem direitos preservados. Os jovens de periferia que se envolvem com o tráfico de drogas e, por consequência, com os crimes violentos, detêm o poder da comunidade onde residem e, assim, alcançam o respeito e a admiração das jovens meninas da região. Além desses jovens deterem o poder da lei, possuem também uma condição financeira diferenciada dos demais moradores, podendo proporcionar às jovens bens materiais como: bebidas, drogas, alimentação, e fatores subjetivos muito valorizados na juventude como status e a sensação de proteção (sobretudo pelo uso de armas). Na grande maioria dos casos, são esses os motivos que tornam os meninos em conflito com a lei, atraentes para as meninas que por sua vez constroem as mais diversas formas de vínculo com a criminalidade violenta. Algumas meninas se envolvem diretamente com a venda de drogas ocupando cargos na hierarquia do crime, outras mantêm um envolvimento indireto, tendo acesso antecipado às informações sobre futuros crimes. Dessa forma, muitas meninas encontram motivos de se vincularem ao crime.

Palavras-chave: Juventude. Criminalidade violenta. Gênero. Violência. Desigualdade Social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – VIOLÊNCIA, FAVELA E POBREZA	11
1.1. Tráfico de Drogas	18
CAPÍTULO 2 - JUVENTUDE BRASILEIRA	26
2.1. Juventude e Gênero – Diferenças Cruciais na vida social das meninas e dos meninos.....	33
CAPÍTULO 3 – OS JOVENS E O CRIME.....	38
3.1 As meninas “ <i>Vida meia louca</i> ”	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
ANEXOS	55

INTRODUÇÃO

O envolvimento das meninas com a criminalidade violenta é pouco estudado e pouco noticiado. Parece não existir. Mas, existe de forma articulada e, mesmo que sejam em menor número, as meninas apresentam grande poder de influência nos grupos e grande articulação no movimento do crime. Cabe ressaltar que o envolvimento das meninas não acontece da mesma forma que o envolvimento dos meninos. Todavia, antes dessa discussão é preciso compreender acerca das definições de violência e juventude, compreendendo a diferença social e pontos em comum no envolvimento entre meninos e meninas.

A juventude é a fase da vida marcada por grandes mudanças. É a fase em que se determinam escolhas importantes na vida do sujeito, como por exemplo: a profissão a ser seguida, a forma de alcançar um lugar de visibilidade, a maneira de se posicionar diante da sociedade e a sexualidade. Essas escolhas são feitas de acordo com o que é ofertado ao jovem, ou seja, ele articula suas escolhas de acordo com as ferramentas que chegam até ele. Na maioria das vezes o jovem é seduzido pelo status do consumo e pelo destaque que isso lhe causa, assim como pela lógica social vivenciada. Porém, os jovens pobres residentes de periferia não alcançam esse poder de consumo.

Pensar a juventude como um momento de transição entre a infância e a vida adulta, como uma fase de decisões em vários aspectos da vida, fica ainda mais complexo quando é acrescentado o fator da pobreza diante da desigualdade social. Considerando que a juventude é então compreendida a partir do contexto social, vale o recorte dos jovens e das jovens residentes das periferias e favelas para explicitar a forma como eles e elas se vinculam ao crime, compreendendo o momento em que o crime transforma-se na alternativa mais viável. Os motivos que geram a desigualdade social são encobertos por rótulos em torno dos jovens pobres moradores de periferia. No Brasil, a desigualdade provoca várias facetas para a violência: crime organizado, guerra do tráfico e arrastões. *“O aumento da violência decorre, em particular, da ação de jovens do sexo masculino moradores de grandes cidades, que destituídos de força para agir não percebem a capacidade que têm para modificar a si próprios e ao mundo”*. (FEFFERMANN, 2006, p. 164).

Relacionando a lógica de desigualdade social que os moradores de periferia vivenciam, com o destaque buscado na juventude, surge uma alternativa imediata para

acesso ao consumo, status e poder: o crime. Diante desse cenário desigual, o presente estudo busca abordar o vínculo que jovens meninas estabelecem com a criminalidade violenta, mais especificamente com os crimes que envolvem o tráfico de drogas. Além disso, compreender se o vínculo das meninas com os atos fora da lei são perpassados por presenças masculinas ou, se trata de uma escolha diante da precariedade de estudo e trabalho, de referência familiar, da assistência estatal, ou da busca por um lugar de destaque. Enfim, diversas são as possibilidades de motivação das meninas.

O interesse pela dedicação ao tema aconteceu a partir do trabalho em periferias da Região Metropolitana de Belo Horizonte; sobretudo no último trabalho como técnica social do Programa de Controle de Homicídios – Fica Vivo! da Secretaria de Defesa Social do Governo do Estado de Minas Gerais na Superintendência de Prevenção à Criminalidade, cujos objetivos centrais são: prevenir a criminalidade, diminuir número de homicídios, possibilitar circulação dos jovens na cidade, discutir cidadania, entre outros.

Vale destacar que, o modo como cada um direciona sua vida vai ser determinado de acordo com as suas vivências e o sentido dado para às experiências vividas. Ter o crime como opção de trabalho, de lazer ou qualquer outro sentido que os jovens encontrem, faz pensar que fora uma escolha sem razão. Portanto, os jovens precisam ter voz para justificar seus motivos pessoais e sociais acerca da inserção na ilegalidade e da entrada no mundo da criminalidade violenta.

A fim de refletir sobre esses questionamentos, este trabalho visa um estudo teórico e empírico sobre a juventude pobre brasileira, propondo uma reflexão acerca das possibilidades de prevenção à violência e ao crime. Para isto, será utilizado um método de entrevistas semi-estruturadas e análise da narrativa. A escolha por esse método se deu por permitir que as entrevistadas possam ir além das questões formuladas, expondo aspectos de sua vida de acordo com o que for conveniente para si mesma no momento da conversa. Alguns pontos nortearam a conversa (conforme anexo).

Para cada jovem há motivos singulares para o envolvimento com o crime. Mas existe um contexto social marcado por inúmeras desigualdades que pode explicar um quadro comum diante de histórias distintas. Com a intenção de dar voz à juventude nesse trabalho, e compreender as particularidades que provocam cada uma a ter o crime como opção de vínculo, seja de lazer, de trabalho ou de qualquer outro sentido possível, foram entrevistadas duas mulheres, que têm ou tiveram no tempo de sua juventude algum vínculo com o crime. São elas:

“Mulher bomba” – aos 22 anos diz que nunca gostou de usar drogas, mas se envolveu com a venda de drogas por necessidades financeiras e se desvinculou após ficar presa por 1 ano e 3 meses. Assumiu a boca na qual o namorado trabalhava e tinha esse apelido porque sempre tinha na bolsa muitas bombas de pedra. Atualmente reside em Ribeirão das Neves onde estuda e trabalha como aprendiz por vínculo com um programa de aprendizagem da cidade de Belo Horizonte. Ela explica que esse apelido era pelo costume de ter na bolsa muitas bombas¹.

“Primeira dama do tráfico” – aos 33 anos relata que desde sempre esteve envolvida com o crime. Desde seus 9 anos tinha a tendência em burlar as regras quando levava suco com cachaça para o lanche da escola. A *“Primeira Dama”* diz que não tem boa relação com sua mãe, seu pai morreu e diziam que ele tinha envolvimento com o crime.

Eu tinha nove anos de idade, eu levava o lanche pra escola e no lanche tinha bebida, tinha pinga era suco de laranja com pinga eu ficava no fundo da sala de aula, ficava tonta e brigava com os meninos depois com quatorze... Não de doze a quatorze anos eu comecei a fumar muito, na roça, quando eu passei umas férias com minha avó e lá comecei a fumar escondido também e voltando pra casa o que acontece é:: eu achava que minha mãe tinha um pouco... E dentro do quarto aconteciam coisas, tipo tráfico, não que ela tava usando, mas o namorado dela tava usando, chegou de acontecer de dois, três homens dentro do mesmo quarto usando drogas. (Primeira Dama do Tráfico, 33 anos).

Atualmente essa mulher mantém-se envolvida com o crime e mora numa casa que funciona como rota de fuga e boca de fumo. Atualmente trabalha como faxineira de um shopping na zona norte de Belo Horizonte. De acordo com a entrevistada, ela só conseguiu esse emprego porque comprou o diploma de segundo grau e atestado de bons antecedentes.

Ambas foram presas por tráfico de drogas e esse e outros assuntos serão abordados no decorrer do texto. Nesse início, faz-se necessário uma breve apresentação para localizar a perspectiva do discurso. As entrevistadas serão referenciadas nesse texto a partir dos apelidos que tinham na época do seu envolvimento.

¹ saquinho plástico com 10 pedras de crack.

CAPÍTULO 1 – VIOLÊNCIA, FAVELA E POBREZA

Lógico que tinha outras pessoas como eu também. Família mal planejada, desestruturada, né? Como se disse a pessoa pobre casou com outra. Um trabalha, o outro trabalha. Arruma um monte de filho e só dá o básico, só dá comida. O ser humano não quer só comer... Quer se vestir bem, quer sair, ver as coisas. Quer mais... Hoje eu quero só tranquilidade. Eu só não quero arrumar problema pra minha vida, eu quero ter uma vida tranquila. (MULHER BOMBA, 22 anos).

Conceituar violência implica em uma diversidade de definições e representações por se tratar de um conceito complexo e multideterminado. Chauí (1980) argumenta que a definição de violência está atrelada ao processo pelo qual um indivíduo é transformado de sujeito em coisa. Segundo a autora, existe um costume de considerar a violência como uma transgressão às normas e regras que são legitimadas por uma coletividade. No sentido jurídico, violência refere-se ao risco que uma pessoa proporciona à vida de uma comunidade.

A compreensão do termo implicaria então, em um estudo acerca das relações sociais, incluindo as relações de gênero, etnia e cultura que são determinadas também, pelas relações de poder. (Lopes et. al., 2008). Desse modo, os autores utilizam o conceito de violência oferecido pela Organização Pan-Americana de Saúde que o define como:

O uso deliberado da força física ou de poder, seja em grau de ameaça ou efeito contra si mesmo, contra outra pessoa, um grupo ou a comunidade, que cause ou tenha muitas probabilidades de causar lesões, morte, danos psicológicos, transtornos do desenvolvimento ou privações, auto-agressão, interpessoal e coletiva. (LOPES et al., 2008, p. 66).

Chauí (1980) defende que a violência não está na violação das regras, mas, nas próprias regras que são impostas de cima para baixo e perpassa as relações sociais, até seu retorno ao Estado. Isso acontece pela construção histórica do país marcada pela exclusão. Como exemplo vale citar Bocco (2008), que enfatiza que um ato infracional tende erroneamente a discriminar o autor como causa única e individual daquele sujeito deixando de lado os mecanismos históricos, econômicos e políticos que envolvem a vida social do sujeito.

Articulada com a violência está à criminalidade violenta, que abrange os seguintes atos:

... homicídio, homicídio tentado, estupro, roubo, roubo a mão armada, roubo de veículos, roubo de veículos a mão armada e sequestro. Especificamente,

estamos preocupados com o impacto do aumento dos homicídios, principalmente na faixa etária entre 14 e 29 anos.”. (SOUZA; SOUZA, 2010, p. 130).

Para compreensão dos conceitos e vivências entre violência e crime faz-se necessária uma análise sobre os arranjos institucionais e sociais do crime organizado. “*Este atravessa classes sociais, tem organização empresarial e não sobrevive sem o apoio institucional das agências estatais incumbidas de combatê-lo*”. (ZALUAR, 2004, p. 31). Mas, essa é uma discussão ampla que não cabe a esse trabalho. A ideia aqui é expor conceitos acerca da violência e pobreza no que tange a sua junção e separação.

Chauí (1980) aponta que o cenário desigual favorece a criminalidade e a transgressão na medida em que as regras e leis não funcionam como um “*cimento afetivo, moral e legal das relações sociais*”. A autora considera ainda, que é compreensível que as camadas mais pobres sejam as mais violentas, isso porque as desigualdades sócio econômicas aumentaram e a violência aumenta como uma resposta às mudanças sociais.

Nas diversas regiões do país a violência se apresenta, e para cada uma, um modelo com características diferentes. Nenhum modelo se sustenta diante da diversidade do país, são dinâmicas diferentes, leis do crime estabelecidas de formas diferentes e vítimas com perfil incomum. Por ano, cerca de 45 mil brasileiros são assassinados neste país, esse número aumenta em lugares com maior precariedade de emprego, de acesso à educação, à cultura, ao esporte e lazer. (SOARES, 2004).

O Estado democrático, agente responsável pela promoção dos direitos humanos nas democracias modernas, tem papel importante a ser exercido na sociedade brasileira em especial, possuidora de um elevado grau de desigualdade social e de crescimento de violência. Essa realidade tende a se agravar com os efeitos da globalidade. No entanto, diante desse quadro, as instituições do Estado se eximem de sua responsabilidade na promoção dos direitos humanos e buscam a ordem social por meios que são legais, mas nem sempre legítimos. (FEFFERMAN, 2006, p. 126).

O fragmento citado acima aponta para a ineficiência do Estado em cumprir seu papel de proporcionar direitos sociais básicos para a população de forma igualitária. De fato, a extrema desigualdade social presente no contexto brasileiro diferencia os bairros e a cidade, da periferia e becos, vielas e favelas. Essa diferenciação está para além de uma delimitação geográfica, está no estigma que marca socialmente as pessoas que residem nesses espaços.

Chauí (1980) expõe que a sociedade brasileira tem de um lado a miséria, e de outro, a distância das decisões políticas. Esses fatores aumentaram juntamente com a pobreza e a repressão. Peralva (1989), citado por Fefferman (2006), relata que após a ditadura militar o combate à violência deixou de ser monopólio do Estado e passou a ser assumida também pela sociedade civil. A sociedade, de forma geral, se incomoda com os atos violentos e, apesar de algum movimento contra esses atos, não há uma mudança do quadro, também porque a violência localiza-se de forma mais intensa em regiões específicas, teoricamente não atingindo todas as pessoas.

Segundo Zaluar (2004), existe uma divisão na posição dos brasileiros quanto à violência social, que ameaça a frágil democracia brasileira. De um lado pessoas que querem punição a todo custo em prol da segurança, e do outro lado, os libertários que atacam a ordem social, especialmente o Estado. No plano político, há uma tendência em minimizar o conflito às relações interpessoais; tira-se a coletividade e culpam-se indivíduos ou pequenos grupos. É justamente nesse ponto, dos pequenos grupos que entram em cena os pobres. Mesmo sabendo que a pobreza sempre existiu no contexto brasileiro e somente nas últimas duas décadas houve uma explosão da criminalidade violenta continua a existir uma relação errônea entre pobreza e criminalidade/violência.

No Brasil, a pobreza aparece como a justificativa mais utilizada para a criminalidade. Apesar da violência está presente em todas as classes sociais, e a pobreza não ser determinante para a entrada no crime, é a população pobre residente da periferia que é considerada culpada por ela, é a população pobre de periferia que é punida. Para a população pobre, a violência está como mais uma dificuldade enfrentada no dia-a-dia. O desemprego, a quebra da estrutura familiar, a pulverização social são fatores presentes nas famílias de baixa renda, que corroboram para que jovens façam laços com a criminalidade e com a delinquência. (FEFFERMAN, 2006). Como ilustração disso, é possível analisar o relato da entrevistada sobre a precariedade de recursos financeiros e acesso ao consumo básico:

...a gente sempre foi pobre, então quando cê tá pobre... se ocê é pobre a situação já não é muito boa, então cê quer ter as coisas... Pobre assim, não, não faltava comida. Tipo assim passar fome é CE num ter nem arroz e feijão, tinha comida, mas não tinha coisas que são normais, que a pessoa tem que ter. Num tinha, por exemplo: um leite, um iogurte num era coisa que a gente tomava. Tomava assim, por exemplo, no supermercado no dia de comprar uma bandeja, eram quatro irmãos, uma bandeja de iogurte era bom demais. Ai comia no primeiro dia e não tinha mais nada era só arroz e feijão. (MULHER BOMBA, 22 anos).

A jovem entrevistada aponta o esforço dos pais em manter a família suprindo as necessidades básicas de alimentação, vestimenta e educação. A jovem faz uma generalização da vida a partir da condição de consumo:

...Quando a vida assim não é boa, tudo fica ruim, tudo piora na verdade, por que o meu pai vivia trabalhando pra tentar colocar o básico. Às vezes minha mãe ia ao supermercado queria comprar uma coisa num podia, ficava chateada, a gente queria as coisa e num podia ter. E: ela tentou fazer o papel dela, o que ela podia mandar a gente pra escola, a gente num queria ir também, menino num gosta de ir pra escola. Ai assim, às vezes a mãe ela tenta fazer o que ela tem de fazer e o filho não quer, apanha e fica aquela convivência meio assim: Ah me bate, não gosta de mim! Essas coisas assim, coisas normal de... de família de mesmo... foi difícil por que a gente num vivia, entre aspas, dependendo de outras pessoas. Num podia ter uma roupa nova, era só ganhado, sempre ganhava. Se num ganhasse não tinha nada. (MULHER BOMBA, 22 anos).

A segunda entrevistada relata sobre a falta de estrutura da sua família em preservar seus direitos de criança:

...eu cresci sem pai, meu pai faleceu lá no Rio de Janeiro a trabalho, e pelo que a gente cresceu, eu e meu irmão crescemos escutando que ele também era envolvido, que ele fumava maconha, na época não tinha essas drogas tão pesadas, mas ele fumava maconha, cigarro, bebida e batia na minha mãe. Mesmo sendo assim eu não concordava com as atitudes da minha mãe. Ela levava namorado pra dentro de casa, bebia. Então foi assim que eu comecei a beber escondido. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Porém, não é possível afirmar que sejam somente essas as justificativas para a entrada no mundo do crime, pois, se a explicação para a entrada na criminalidade fosse apenas questões relacionadas à pobreza, o crime não seria uma opção para a classe média e alta, e todos os pobres estariam condenados ao envolvimento com o crime. Para um entendimento mais amplo é preciso compreender os motivos singulares, de cada sujeito, que envolvem essas escolhas, além das necessidades financeiras e questões familiares que marcam com ênfase a desigualdade social. Como ganhos pelo envolvimento com a criminalidade, “*Mulher Bomba*” considera que está para além do dinheiro:

...é fama, poder... o poder que a pessoa acha que tem, uma ilusão de poder. Quanto à ilusão do poder, ela relata:...só na cabeça da pessoa, pode ter um pouco de respeito eles querem ter respeito também. Eles acham que é respeito, mas a população acha que é medo. (MULHER BOMBA, 22 anos).

A construção da identidade atual da favela acontece por volta dos anos 80, e acontece através dos atributos concedidos às mesmas. A desconstrução desses estigmas em torno dos seus moradores faz-se necessária a partir do diálogo entre diferentes argumentos sobre a realidade dessa parte da cidade. (CRUZ, 2006).

As favelas são regiões das cidades, reconhecidas de modo estereotipado pela pobreza, pela violência e todo o estigma social negativo, como se, fosse o espaço único para a incidência de crimes violentos. Apesar de a mídia noticiar de forma rotineira crimes que acontecem nos mais diversos espaços da cidade, a favela é o lugar que, teoricamente, centra a criminalidade. Esse estigma surge desde estudos acadêmicos a preconceitos locais, colocando os problemas sociais existentes como se estivessem fora das cidades, inclusive o problema da violência e pobreza. Cruz, (2006). Apesar de a favela fazer parte da cidade, e das pessoas que nelas residem serem cidadãos, nem sempre, estes podem exercer sua cidadania, como retrata a citação abaixo:

As favelas são o resultado da persistência de uma parcela da população colocada à margem na sociedade para se estabelecerem como cidadãos: no sentido estrito da palavra: como habitantes da cidade e, no sentido lato, como parte estimada de uma coletividade e de uma comunidade política com direitos e deveres. (CRUZ, 2006, p. 2).

Segundo Cruz, as favelas são criadas a partir de “*processos de ocupação urbana desordenada que trazem peculiaridades arquitetônicas e urbanísticas devido ao fato de a ocupação ter sido projetada pelos próprios moradores com posteriores intervenções do poder público*”. (CRUZ, 2006, p. 3). Mas, não é possível considerar a favela como espaço concreto e restrito. A favela traz em si mesma, uma série de significados, sentidos negativos e estereotipados relacionando os moradores das favelas ao crime, violência e ilegalidade.

Nas regiões metropolitanas das grandes cidades brasileiras está concentrado o maior número de pobres do país, o que possibilita analisar o impacto da pobreza num mesmo espaço povoado. A autora expõe que as taxas de mortalidade e de violência não acompanham o aumento populacional global nem o aumento populacional da periferia. (ZALUAR, 2004).

Para Cruz (2006), além das privações, os moradores das favelas sofrem com os estereótipos e preconceitos criados sobre eles que são reforçados pela mídia que soa no restante da sociedade a partir de cinco princípios: violência e tráfico, discurso da chaga social, discurso da falta e da carência, discurso do idílio, discurso da diversidade.

No discurso que se estabelece a partir da violência, o crime e o tráfico ganham um valor exacerbado, na perspectiva que a favela representa socialmente o lugar da desordem. No discurso da chaga social, as favelas são percebidas como um problema na sociedade, com construção confusa, que deve ser um espaço eliminado e resolvido. O tópico da falta e da carência considera as favelas como espaço da miséria, da ilegalidade, um território sem lei, com necessidade de intervenções sociais, na falta de boas escolas, de emprego, etc. *“Espaços nos quais os moradores não pagam impostos e onde ocorre um crescimento desordenado”*. (CRUZ, 2006, p. 4).

Em contraponto, vale mencionar Zaluar (2004) que, ressalta que num bairro periférico populoso, uma minoria opta pelo envolvimento com o crime. Zaluar (2004) defende que não é a carência que motiva atos desviantes, mas a busca de maior *“visibilidade da privação relativa”*. A motivação por atos criminosos é fruto de uma combinação entre:

...novas formas de organização familiar, novos padrões de consumo, novo etos do trabalho, do sistema escolar, das políticas públicas do menor e para o usuário de drogas, da crise institucional e da presença de uma organização criminosa que se fortaleça ao longo de toda a década de 80. (ZALUAR, 2004, p. 29).

O discurso do idílio enfoca a visão contrária à precariedade, ao invés da favela ser percebida como um lugar ruim passa a ser vista como um local quase perfeito, como um lugar de solidariedade, no qual as pessoas se conhecem e se ajudam. As percepções extremistas tanto positiva, como negativa sobre a favela marcam o espaço com percepções equivocadas e distorcidas, portanto prejudiciais. No que se refere à diversidade, busca-se exatamente ampliar a percepção sobre a favela de modo a representar o espaço com diversidade cultural, social e econômica; além das saídas encontradas pelos moradores das favelas para os diversos problemas sociais existentes nesses espaços, como a falta de infraestrutura, de bens e serviços públicos, etc. A diferença socioeconômica entre os moradores de favelas e os não moradores amplia o preconceito podendo ocorrer um processo de guetificação em torno da favela e dos seus moradores: os favelados. (CRUZ, 2006).

Atribuir apenas à pobreza – que sempre existiu no país e que teve vários indicadores melhores nas décadas de 1970 e 80 – o incrível aumento da

criminalidade e da violência observado nas ultimas duas décadas especialmente na última, é alimentar preconceitos e discriminações contra os pobres. Além de constituir um erro de diagnóstico que pode tornar ineficazes às políticas públicas adotadas a partir dele, tal postura tem efeitos políticos desastrosos. (ZALUAR, 2004, p.24).

Zaluar (2004) afirma que em 1985 o número de jovens envolvidos com a violência urbana, como agentes e como vítimas, já era três vezes maior do que em 1982; houve um processo de feminizar e infantilizar a pobreza no Brasil. Além disso, é fato a relação entre baixa escolaridade e baixa renda. Estudos apontam que famílias chefiadas por mulheres e com crianças com menos de 10 anos são características predominantes em famílias de baixa renda. Esses fatos estão mais próximos das crianças que aos poucos rompem com as famílias e com a escola e passam a ocupar as ruas e, posteriormente se envolvem com atos criminosos. Isso acontece porque esses sujeitos são usados e abusados, inclusive por quem é responsável pela proteção da população.

E a vagabunda da polícia, que não tem curso pra isso, ainda mais grávida, me levou pra um banheiro tirou minha roupa lá dentro, fuçaram dentro de mim de tudo quanto é forma que eu cheguei a perder sangue entendeu? Romperam né minha bolsa, com quatro meses, foi àquela confusão toda. Eu chorava, chorava, chorava. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

A entrevistada relata o medo do envolvimento dos seus filhos que residem numa casa que funciona como ponto de venda e esconderijo de drogas:

...eu não to mais nesse mundo, minha cabeça é outra ai ele pode ficar. Gente o fedor de maconha que minha casa fica, hoje quando você chegou devia ter uns dez minutos que eles saíram lá do fundo, uma turma, não respeitam ninguém eu só tenho medo dos meus meninos se envolver e o resto é do meio já, não tem nem como parar como se diz já ta grudado na pele deles, entendeu? Não vivem sem drogas, não vivem sem maconha. Por isso é tudo miserável, por que eu aprendi que isso ai é um dinheiro miserável, você tem pra tomar café, mas você não tem pra almoçar, por que o dinheiro que você tem vendendo droga você não pode contar com ele nem pra comer, nem pra dormir. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

A relação entre pobreza e violência fica ainda mais esclarecida quando Zaluar (2004) levanta alguns pontos que propiciam essa combinação. A autora articula a urbanização acelerada sem um preparo para isso, sem emprego aos trabalhadores pobres e migrantes que chegavam à parte urbana das cidades. Assim, a pobreza aliada à falta de

emprego e a forma punitiva e cruel como o Estado combate o crime organizado formam facilitadores para a segregação social. (ZALUAR, 2007).

Além disso, a urbanização muito rápida não permite que as práticas sociais urbanas de tolerância e civilidade sejam difundidas entre os novos habitantes das cidades nem que os valores morais tradicionais sejam interiorizados do mesmo modo pelas novas gerações da cidade. Assim, muitos homens jovens e pobres se tornaram vulneráveis às atrações do crime-negócio por causa da crise em suas famílias, muitas dessas incapazes de lidar com os conflitos surgidos na vida urbana mais multifacetada e imprevisível. Vulneráveis também por causa do abismo entre adultos e jovens, por causa do sistema escolar ineficaz, além da falta de treinamento profissional, adicionado aos postos de trabalho insuficientes. (ZALUAR, 2007, p. 35).

Para exemplificar o que a autora citada acima defende, vale citar um trecho da entrevista em que a jovem responde ao ser questionada sobre a interferência da precariedade financeira com o seu envolvimento com o crime:

Eu não acho, eu tenho certeza que sim! Por que... eu posso dizer que eu encontrei esse menino e comecei a conviver com ele e aí entrei, foi assim que aconteceu, mas antes disto eu já estava procurando trabalho e não encontrava ... Não encontrava, aí tinha um homem que vendia droga na rua de casa. Aí eu fui e cheguei nele e falei assim: Você num tá precisando de ninguém pra vender droga pro'cê não? Ou seja, antes de conhecer o meu ex, eu já tava procurando uma maneira de ganhar dinheiro. Como eu não consegui trabalhando eu procurei outras maneiras, aí ele foi e me falou assim... nisso quem foi procurar fui eu e um colega meu que ele era assim... gay. Ele foi e falou assim: Ó: eu num tô precisando de ninguém pra vender droga não, e no caso dele num tem jeito não! Mas no seu, se ocê quiser eu posso arrumar uma outra coisa pro'cê. Aí eu falei é o que? Aí ele falou que era se prostituir. Aí eu falei há não, isso aí eu não quero não. Aí o tempo foi passando e passou mais um tempo e eu conheci esse menino e comecei a me envolver com ele... Eu ainda era nova, eu ainda era virgem. Num tinha fundamento aquilo, agora se eu não fosse virgem, talvez, tivesse pegado um pegado outro aí talvez nem fizesse diferença, talvez. Entendeu? (MULHER BOMBA, 22 anos).

1.1. Tráfico de Drogas

Os jovens envolvidos no tráfico de drogas constituem-se por influência dessa realidade objetiva. Uma malha que os enreda a cada movimento. Neste emaranhado de fios, que se entrelaçam e se desfazem, vão construindo a sua forma de estar no mundo. Em condições que podem ser consideradas quase irracionais. (FEFFERMAM, 2006, p. 59).

É do conhecimento da maioria dos brasileiros que existe o uso e a venda de vários tipos de drogas. Como já foi mencionado, as favelas das cidades brasileiras

ocupam o lugar estigmatizado desses centros de venda de drogas. A atividade de vender e comprar drogas não é em si violenta, porém, como se sabe, a lei estabelecida pelo tráfico de drogas pode provocar várias mortes e atos violentos.

A lei do tráfico se estabelece na ausência do Estado enquanto regulador da sociedade, e assim os jovens ditam as normas da região em que trabalham e os demais moradores a respeitam. É em nome dessas normas e dessa lei que esses jovens cometem crimes violentos. Por outro lado, numa região com o tráfico de drogas sem rivalidades entre grupos (ou com pouca rivalidade) e com grande domínio, a lei se estabelece de modo a proteger os moradores sem permitir expressões violentas.

São os jovens quem compõem a grande mão de obra do tráfico de drogas no Brasil. Pesquisas em todo Brasil apontam para um perfil desses jovens. São eles: negros, jovens e moradores de periferia das grandes cidades. Esses jovens são autores e, também vítimas dos crimes, que em nome da lei do tráfico, são característicos nas favelas das cidades brasileiras. (ZALUAR, 2007). Uma entrevistada pode contribuir com seu discurso para a compreensão acerca de como o ex-namorado traficante trilhou sua carreira:

Antes ele, ele tinha um nível menor na vida do crime... Aí depois ele começou a colocar outros meninos pra trabalhar pra ele, ou seja, ele já subiu de nível de novo... aí ele tinha os meninos que trabalhavam pra ele, que eram chamados de guerreiros né? Seis a cinco que trabalhavam pra ele, mas ele também vendia, ele não ficou sentado esperando o dinheiro, ele queria estar ali pra sentir aquilo também, por que se ele ficasse só pegando o dinheiro ele ia fazer o que da vida dele se ele não trabalhava, ele não fazia nada. Por incrível que pareça aquele movimento também, aí tipo ele pegava pra ele e também ficava vendendo em outro canto por mais dinheiro e pra poder ficar na rua. (MULHER BOMBA, 22 anos).

Apesar de ter características próprias e gerais, existem marcas que são de grupos de jovens e de cada indivíduo que devem ser consideradas. O ato violento não deve ser associado à pobreza, mas, fato é que jovens em situação de vulnerabilidade social, residentes de periferia, são os que mais se envolvem com o crime violento. Isso acontece também, porque, esses jovens têm seus direitos violados desde a infância, sem direito integral à educação, lazer, saúde, segurança, etc. O Capítulo VII – Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso, artigo 227 da Constituição da República Federativa do Brasil, afirma que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, p. 144).

Como pode ser dever da família o cuidado com seus menores, se quem é responsável por assegurar esses direitos também sofre inúmeras violações? Sem outras referências familiares, a jovem relata a relação que era possível manter com seu núcleo familiar composto por mãe que era dona de casa, pai que trabalhava como faxineiro e jardineiro e seus três irmãos.

Minha família, mãe e pai lógico que não tava feliz, mas eu era filha deles... tinham conhecimento, mas não tinham como impedir. Iam fazer o que?... Conversava, mas tinha jeito não. Eu não tinha jeito não. Não tinha como me dominar mais, eu não era uma criança pra eles me pegarem pelo braço, e vou te prender. Não tinha jeito. (MULHER BOMBA, 22 anos).

Quanto ao papel do Estado, é relatada por uma entrevistada, a falta de assistência com relação ao lazer:

Ah a gente brincava na rua, coisas que não precisam de brinquedo: pega-pega, esconde-esconde só assim por que brinquedo num tinha também. Não, uma vez na vida outra na morte tinha aquele negócio de rua de lazer né. Por que era dia das crianças estes negócios assim. No mais não tinha nada não... a gente brincava na rua, ficava brincando de casinha, pegava coberta, lençol e forrava no passeio de casa assim, ai juntava ... Espalhava os brinquedos os negócios, ficava brincando de casinha... Bola. O pessoal gostava de ficar na rua. (MULHER BOMBA, 22 anos).

Com relação ao acesso à educação, a jovem diz:

...eu ia na escola, não aprendia nada... ficava lá quieta e num aprendia nada também, sentava na frente e num aprendia nada também... eu acho que eu sempre tive uma dificuldade de aprendizado, inclusive é::: a minha dificuldade motivou afastar da escola, foi mais dificuldade de aprender do que o crime. ... Eu desistir por que eu achava que as coisas num entravam na minha cabeça ai eu desisti... eu acho que eu já falava: Há num tô conseguindo entender, os professores só falavam assim: Tem que prestar atenção! Eles são preocupados em ensinar pra ir pra frente com a lista... ele ta fazendo o papel dele, o que importa é a maioria. E tudo na vida é assim o importante é a maioria, a minoria não importa. (MULHER BOMBA, 22 anos).

O tráfico de drogas transforma-se numa possibilidade viável porque, além dos direitos violados, os jovens inseridos no contexto da periferia vêm suas referências trabalharem no tráfico desde muito cedo. Como pode ser verificado no relato abaixo, a entrevistada após sair da prisão serviu como uma referência para as meninas “novinhas” da comunidade.

Aí um dia eu fui pro meio dessas meninas, tudo novinha, aí conversa vai, conversa vem, eu não conversava muito, deixava mais elas falar, porque eu ficava sem graça e aí de vez em quando elas falava assim: aê a perigosa chegou, e ficava me chamando de perigosa e eu falei: perigosa não tinha uma menina até novata, e eu falava perigosa não, conversava com ela e tudo e eu queria passar pra elas que a menina tem que andar prevenida. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Assim, apresenta-se uma inversão do padrão admirável socialmente, as pessoas que se envolvem com o tráfico de drogas detêm o status, a admiração e o respeito. Como uma representação de que a entrada no tráfico de drogas se dá por outras vias além do dinheiro segue a fala da jovem:

...a gente gostava mais de ganhar dinheiro do que, de sair. Tinha pessoa que num saia não, ficava só lá, chegava domingo aí a pessoa fazia assim, ah vão sair? Ah não vô não pode ir. A pessoa já pensava assim todo mundo vai sair pra passear, pra dar rolê eu vou ficar aqui. Eu vou ganhar mais que todo mundo. Ganhava, ganhava dinheiro e muitos pegavam o seu dinheiro e ó, usava droga com o próprio dinheiro e ficava ali consumindo. Vendia crack e cheirava cocaína. (MULHER BOMBA, 22 anos).

Kehl (2004) expõe a diferença entre interesses juvenis de acordo com o contexto socioeconômico citado, e a forma como isso interfere no envolvimento com a criminalidade:

Para um adolescente em idade de começar a sair sozinho pelas ruas – felizmente, nem todos se conformam com a vidinha claustrofóbica de shopping center, motorista e DVD – é mais seguro ser confundido com um “mano” do que com um “playboy”. Alguns fazem pose de bandidos: “É melhor ser amigo dos caras do que passar pelo otário que eles vão assaltar”. Uma das polarizações que nossa sociedade violenta e competitiva criou não é entre ricos e pobres, brancos e negros: é entre espertos e otários. Claro que para o garoto de classe média, posar de “esperto” não garante muita coisa: os “enquadres” da polícia podem oferecer tanto perigo quanto os eventuais encontros com um assaltante. (KEHL, 2004, p.51).

“O tráfico de drogas se serve de atividades organizadas, polivalentes” com divisão de tarefas e funções, regras definidas, hierarquia e a mudança de significado da droga que deixa de ser objeto de prazer e consumo para objeto comercial financeiro. (FEFFERMAN, 2006). Vale a fala das entrevistadas para mostrar essa divisão de funções e hierarquias além da organização financeira:

Eu já assumi liderança aqui oito meses, foi quando eu comecei a fumar as pedras de crack... o tráfico é tão organizado que tem os carro importado com gente engravatado entregando na porta. Então ai sai do emprego... Ai vim eu que fazia tesouraria eu que sabia onde tava a droga eu sabia que tinha passar pra cicrano, beltrano e fulano só eu que sabia quantas pessoas que tava devendo, quanto disse quanto daquilo. Eu pirei falei pô eu não entendo disso não eu tenho que pensar que eu passei por essa humilhação quando eu tava presa lá. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Porque o que eu sabia, a questão é essa: isso aqui tem um quilo e vale R\$100,00. Desse um quilo vou fazer R\$ 200,00 e desse R\$ 100,00, eu sei que tenho que pagar fulano porque por traz tem um maior ainda, entendeu? Dos R\$ 100,00 que vai sobrar, dez é do corre. Dez, vinte vai que perca. Se você tem R\$100 na mão você não tem nada. Aí tem um vaporzinho que ta ali vendendo pra você, ô ele perdeu, ô ele sumiu, ô ele vai entendeu? Aí desses cem vai sobrar só vinte. Desses vinte eu preciso comer, no caso dele nunca precisou comer não porque tem eu pra pôr o de comer, era pra arma, arma, arma e munição, arma, arma, arma e munição, entendeu? (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

O tráfico tem divisão de funções, tarefas, cargos, salários e uma organização que chega a ser de difícil compreensão para quem nunca conversou com algum trabalhador desse engenhoso sistema. A lei do tráfico de drogas é eficaz, pontual e cruel, mas, proporciona aos jovens um lugar de grande poder que pertence aos jovens negros e pobres das periferias. Segundo Zaluar (2004), o envolvimento da polícia e de outros atores políticos no crime organizado é a grande chave para a grande explosão da violência a partir da década de 70.

Olha, eu comprei... Um barraco... É que pra mim foi uma coisa maior... Que era onde eu morava, por que assim eu num era assim, traficante grande, que tinha carro que tinha bens assim. Pra idade que eu tinha e pro nível que eu vivia já tava bom, por que se eu ganhava assim. Por que se uma pessoa ganhava assim na época uns quinhentos reais eu já tava ganhando uns dois mil. Então assim, era um dinheiro bom... Eu trabalhava por conta própria. Eu comecei a vender junto com os meninos né? Eles

vendiam e eu também então tipo assim, eu ia à hora que eu queria, mas eu queria todo dia, porque era dinheiro que eu tava ganhando. Todo dia eu tava lá, todo dia, de segunda a segunda... eu melhorei meu barraco um pouco, comprei moveis novos e à vista. (MULHER BOMBA, 22 anos).

O crime organizado ordena um funcionamento com hierarquias e rivalidades entre grupos, que provoca a morte dos jovens de diferentes grupos, Zaluar (2004) nomeia como cadeia de vingança o fato de jovem pobre matar jovem pobre, devido a rivalidades comerciais que se misturam aos motivos pessoais, e também, à falta de assistência pública no que se refere à segurança, à Justiça e a saúde para os usuários de drogas. Com relação ao risco de se envolver após a saída da prisão, a jovem diz:

Já tava meio, tava pouco próximo ai essa pessoa apareceu na minha vida e mudou a situação. A pessoa tem que querer. Aliás, depende da situação de cada pessoa, no meu caso e no caso de algumas pessoas, além de você querer tem que ter oportunidade de mudar. Igual eu traficava, tinha pessoas que roubava ai à pessoa roubava porque ela era drogada ela usava droga, então como ela vai sair do crime se ela é drogada. Ai como ela vai parar de roubar se ela é viciada. Então, ela não tem controle da situação dela. No meu caso eu quis e tive uma oportunidade. Relata que considera o trabalho a maior oportunidade. (MULHER BOMBA, 22 anos).

A necessidade de pagar o traficante leva o usuário de drogas a roubar, assaltar e escalar sua carreira no crime, especialmente quando ele não pertence a uma família de classe média que pague suas dívidas e lhe oferte tratamento em centros de reabilitação. (ZALUAR, 2004).

Estudos conduzidos em diversas capitais brasileiras (RAMOS, 2009; ZILLI, 2004; ZALUAR, 2007; SOARES, 2000) demonstram que, além de terem se tornado as principais vítimas da dinâmica de recrudescimento da violência, vivenciado pelo Brasil nos últimos 30 anos, os jovens também assumiram papel ativo neste processo, figurando entre os principais vetores dessa violência. Constata-se ainda que o fenômeno do crime violento, sobretudo o homicídio entre jovens, está relacionado a confrontos armados, os quais evidenciam-se no espaço da rua, onde a maioria das mortes acontece. (PINHEIRO, 2010, p. 8).

Para exemplificar a citação acima, cabe a fala da jovem com relação a sua entrada na criminalidade violenta e ao contexto dos usuários de drogas na periferia a qual ela trabalhava:

Olha no tráfico eu fiquei dos dezesseis aos dezenove anos... Três anos sozinha... Mas eu fiquei dois anos com meu

namorado... Meu ex, ai ele foi preso eu fiquei um ano sozinha. Um mês e pouco fui presa, por que num tem como você durar muito pelo tipo de mercadoria que eu vendia que era o crack, a pedra. O tipo de cliente é a aparência chama muita atenção e a polícia passa, ela sabe que... E eles agromera (sic), tão nem ai. A polícia sabe que você ta vendendo, agora outras drogas já é mais fácil de não ser reconhecido. (MULHER BOMBA, 22 anos).

Assim, de acordo com Soares (2004), a violência é uma das formas dos jovens alcançarem a visibilidade, o reconhecimento social que tanto se busca. Ser jovem não é fácil, saber quais referências seguir, com o quê e com quem se identificar conquistar seu lugar, se reconhecer e ser reconhecido; tudo isso deve ser construído por cada um, com as ferramentas que lhes são ofertadas. Eis então, a importância de compreender a construção juvenil.

Quando a “*Mulher Bomba*” é questionada sobre sua entrada e permanência no crime, ela afirma que a entrada foi pela busca do dinheiro, mas sua permanência foi pela ganância:

eu entrei pelo dinheiro, mas na época que eu já tava ali, inserida ali no crime, se eu tivesse uma oportunidade de emprego eu já não queria mais... eu não tinha vontade de trabalhar com nada não, eu só queria era ganhar meu dinheiro. Só queria dinheiro, pra ter as coisas, comprar uma roupa, ter um celular. (MULHER BOMBA, 22 anos).

Entrar foi o dinheiro, foi à necessidade... A vontade de ter as coisas, rápido... por que eu queria comprar um telefone, uma calça, uma roupa bonita. Por que eu ia pra escola com tênis horroroso de feio, velho, rasgado que eu tinha ganhado dos outros e outras pessoas elas chegavam na escola, àqueles tênis tudo... Sandália, aqueles tênis tudo da moda tinha menina da minha sala que tinha... Cada dia tava com um tênis diferente tinha vários tênis e eu num tinha nada. Eu tinha vontade de ter as coisas também um celular bonitinho na moda. Eu num tinha nada, queria ter as coisas também. (MULHER BOMBA, 22 anos).

O relato da outra jovem entrevistada mostra a dificuldade em se manter distante dos ganhos financeiros que a ilegalidade lhe proporcionava antes de ser presa:

E eu, antes de ser presa eu também tinha de tudo, minha realidade era totalmente diferente, morava numa casa imensa, tinha carro, tinha muito dinheiro, tinha de tudo um pouco, e quando eu voltei eu falei assim, não tenho mais nada. Ai veio cobrança dos meninos, eu não tinha uma cama pra eles dormi

direito, eu não tinha uma comida gostosa pra eles comerem nem um iogurte ou uma fruta e meu salárinho não tava dando pra pagar aluguel e manter tudo e mandar comida pro J ((nome do marido)) no presídio, por que estes presídios menores têm celular, tem como controlar a gente aqui fora de dentro de presídio. Então a cobrança dele tava muito grande, tinha três meses que eu tinha saído e ainda não tinha ido visitar ele. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

CAPÍTULO 2 - JUVENTUDE BRASILEIRA

É comum perceber no discurso social que a expectativa de um futuro melhor está depositada na juventude; também por esse motivo a juventude tem sido tema de debates, estudos científicos, pesquisas e também, tem conseguido um espaço cada vez mais significativo nas políticas públicas. Um dos fatores da ênfase nessa temática deve-se ao fato da juventude ser percebida como um problema social a ser enfrentado. (ABRAMO, 1994).

Como uma fase da vida em que se configuram mudanças e decisões importantes na vida pessoal, à juventude traz em si a marca de turbulências, transgressões, rebeldia, posturas que desviam do que está construído e instalado como ordem social. Esses desvios discriminam cada vez mais a juventude a excluindo de discussões e decisões na vida social.

Mazza (2010) cita os dados da Pnad (2007) que considera como jovem a pessoa entre 15 e 29 anos, dividida em grupos, sendo: 15 a 17 (jovem-adolescente), de 18 a 24 (jovem-jovem) e de 24 a 29 anos (jovem-adulto). A autora explica que o recorte etário não é especificamente uma escolha brasileira, mas, uma tendência dos países que tendem a implantar políticas públicas de juventude; e acrescenta:

Não há consenso em torno dos limites que definem a juventude. O recorte etário é definido para fins de políticas públicas, legislação, e pesquisa, levando-se em conta que juventude é uma categoria em permanente construção social e histórica que varia no tempo, de uma cultura para outra, e até mesmo no interior de uma mesma sociedade. (MAZZA, 2010, p. 56).

A jovem entrevistada “*Mulher Bomba*”, com 22 anos apresenta-se diante dessa definição como jovem-jovem, enquanto a “*Primeira Dama do Tráfico*” aos 33 anos, não entraria na estatística da juventude. Porém, parece que a segunda permanece com os conflitos, dúvidas e dilemas como se vivenciasse a juventude.

Segundo Abramo (1994), a discussão sobre juventude é iniciada no âmbito acadêmico, na transição do século passado para este, com os movimentos culturais juvenis. Nas décadas de 20 e 30 na Escola de Chicago, surgem os primeiros e mais importantes trabalhos sociológicos sobre a juventude. A partir desses estudos surge uma atenção para grupos juvenis desviantes da norma, os praticantes de delitos e marginalizados. Na citação abaixo a autora expõe a forma como o início da discussão sobre juventude é provocada:

...a visibilidade da juventude e sua tematização como problema constroem-se, nesse período, através do surgimento de um comportamento “anormal” por parte de grupos de jovens delinquentes, ou excêntricos, ou contestadores, implicando todos, embora de formas diferentes, em um contraste com os padrões vigentes. (ABRAMO, 1994, p. 08).

No Brasil, a questão juvenil emerge nos anos 50, junto com o processo de modernização; os estudos sobre a juventude são iniciados pela Sociologia nas décadas de 60 e 70, voltados para estudantes, principalmente os universitários. Eram trabalhos voltados para a participação juvenil na política e o poder de transformação social dos jovens. “*De qualquer ângulo sob o qual seja analisado, o jovem aparece como sujeito em busca de mobilização e de mudança social*”. (ABRAMO, 1994, p. 23).

Castro (2007) apresenta a discussão das crianças e jovens sem voz política devido a menoridade jurídica, suas causas são representadas por quem as assume, assim como era para as mulheres, analfabetos e os segmentos sem legitimidade frente ao jogo político; isso deixa sempre a dúvida se os interesses estão de fato sendo atendidos e bem representados. Mas, fato é que, por melhor que seja a intenção, os desejos dos jovens nunca serão representados de forma adequada e suficiente. Segundo a autora, essa é a regra da representação: sempre deixa escapar algo que seria dito ou feito diferente. Às vezes acontece do mesmo jovem, que não possui voz pública, chegar à vida adulta com a mesma postura: de pouca participação.

É notório que o público juvenil atualmente tem uma atenção maior das políticas públicas, sobretudo pela necessidade de responder às demandas sociais. O fato de ter políticas públicas voltadas para a juventude não representa que necessariamente esse público está sendo atendido e escutado, muito pelo contrário, é possível que as ações sociais estejam estereotipadas com a visão distorcida que a sociedade, de forma geral, tem com relação ao público jovem. (SILVA JÚNIOR, 2010).

A construção de políticas públicas voltada para o público jovem esbarra no impasse de atingir de fato o problema social juvenil e de ter os jovens como participantes dessa construção política, na verdade, existem poucos incentivos para que os jovens exerçam sua cidadania. (KERBAUY, 2005).

Gentilini (2010) enfatiza o debate sobre o problema da juventude e da adolescência de forma geral como justificativa à necessidade de políticas públicas nas diversas áreas tendo a juventude como tema de fundo:

A gravidade e a urgência do problema no Brasil resultaram, pós-Constituição, de 1988, na unificação das políticas públicas e na criação de uma Secretaria Nacional e de um Conselho Nacional voltados

especificamente para o adolescente e a juventude, em uma tentativa de integrar políticas excessivamente setorializadas para o enfrentamento do problema nas áreas de educação, saúde, esporte, cultura e lazer. (GENTILINI, 2010, p. 36).

Segundo Kerbuay (2005), a UNESCO define a juventude como a pessoa entre 15 e 21 anos. Ter uma idade estabelecida para essa fase rompe com a percepção de transição (entre infância e vida adulta) atribuída à juventude. A juventude é percebida e definida como problema em várias análises, porém têm surgido discussões mais recentes que visam um retardamento da juventude até após os 30 anos e a diversidade da cultura juvenil; como é o caso já mencionado da “*Primeira Dama do Tráfico*”.

A sociedade de modo geral, continua associando a juventude com a “*transgressão, à curiosidade, às buscas fora dos referenciais de normalidade, sem atentar para a tentativa angustiada dos jovens de serem incluídos, ouvidos e reconhecidos como membros da sociedade em que vivem*”. (KERBAUY, 2005 p.4)

Os estudos feitos acerca do tema juvenil são voltados para a família e escola ou, jovens em situação de risco no que se refere à justiça e sistema penal esquecendo a cultura juvenil. Há uma tendência das políticas públicas voltadas a determinados grupos de jovens e ainda, serem voltadas para a educação não formal, sem capacitação para o trabalho ou algo parecido, o que se configura muito mais como políticas de governo do que, políticas públicas. O governo assume um papel muito mais regulador e controlador do que de assistência. (KERBAUY, 2005).

Na década de 90, é iniciado um esforço para fazer a juventude ser tema na agenda governamental, esse esforço visava uma política de juventude, e foi a partir dele que o tema foi incluído na pauta de discussões de chefes de Estado da América Ibérica e uma tentativa de construir organismos nacionais de juventude. Foi também nesta década que foi lançado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que:

... muito contribuiu para garantir os direitos e deveres da criança e do adolescente, ao incorporar o conceito de cidadania – é considerado a mais acabada proposta do governo para as crianças e os adolescentes do país, pois responsabiliza a família, a sociedade e o Estado pelo cumprimento ou não dos direitos e deveres que lhes são cabidos. O art. 5º assim determina que nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei, qualquer atentado por ação ou omissão aos seus direitos fundamentais. (KERBAUY, 2005, p. 200)

Segundo a autora, no Brasil o tema da juventude foi inserido na agenda pública recentemente, e trata o jovem no que tange aos problemas de saúde, violência e desemprego. Rua (1998) citado por Kerbauy (2005) afirma que as políticas nesse

segmento são fragmentadas e inacabadas atendendo algumas ofertas e não a demandas específicas, deixando claro que o governo não tem clareza do papel dos jovens no desenvolvimento brasileiro. A juventude é representada de forma pejorativa, com aspectos negativos ressaltados, sendo muitas vezes percebidas a partir de estigmas e estereótipos.

A depender do contexto sócio-político e econômico do qual se originam, os jovens são considerados perigosos, marginais, alienados, irresponsáveis, desinteressados ou desmotivados, e cada vez mais relacionados à violência e aos desvios de conduta. (KERBAUY, 2005, p. 201).

Abramo (1994) ressalta que na década de 50, houve uma avaliação sobre o comportamento desviante do jovem e por conta desta, existe até os dias atuais a caracterização do desvio na conduta juvenil. Bango (2003) citado por Kerbauy (2005) afirma que: *“o desafio é reorientar as políticas de juventude na direção de um modelo de jovens cidadãos e sujeitos de direito que deixe paulatinamente para trás enfoques como o do jovem-problema que ameaça a segurança pública”*. (BANGO, 2003, P. 48 citado por KERBAUY 2005, p. 201).

Abramo (1994) expõe como concepção básica da juventude a *“crise em potencial”*. A autora considera a juventude como um período de turbulências, e Hall (1976) que associa esse período da vida como de grande agitação e tensão. É assim que construiu-se socialmente a ideia de que a juventude é um período difícil, uma fase de conturbação devido às mudanças advindas da transição que, muitas vezes provocam grandes modificações na vida do jovem, como relata a autora:

Todas as mudanças trazidas pela puberdade, e pela necessidade de desenvolver uma personalidade própria, a ambiguidade do status social, a necessidade de efetuar uma série de escolhas, provocariam uma série de crises: de autoestima, conflitos com familiares e outras autoridades e, por fim, choques com a própria ordem social na qual devem efetuar a sua entrada (revolta contra as leis sociais e contra as autoridades que definem essa ordem). (ABRAMO, 1994, p. 13).

Dayrell e Gomes (2012) chamam a atenção para a juventude como uma fase da vida com importância em si mesma e não somente como uma fase de transição, de passagem: *“Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona.”*. O sujeito vai se constituir a partir das vivências, como demonstra a citação a seguir:

Mas, ao mesmo tempo a construção social da juventude pode se dar de forma muito variada nas diferentes sociedades e em diferentes momentos históricos. Assim, podemos dizer que cada sociedade e cada grupo social lida e representa de maneira diversa esse momento. Essa diversidade se concretiza nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero, nas regiões geográficas, dentre

outros. É muito diferente, por exemplo, a noção do que é o jovem, de como vivencia esta fase e de como é tratado em famílias de classe média ou de camadas populares, em um grande centro urbano ou no meio rural. Nesta perspectiva não podemos enquadrar a juventude em critérios rígidos, como uma etapa com um início e um fim pré-determinados, muito menos como um momento de preparação que será superado quando entrar na vida adulta. (DAYRELL; GOMES, 2012, p. 3- 4).

Melucci (1984) citado por Dayrell e Carrano (2004) defende que a juventude deve ser considerada como uma etapa de maturação em que emergem algumas potencialidades, necessitando menos da proteção da família, o jovem começa a assumir responsabilidades, entre outros sinais de mudanças psicológicas e físicas. A juventude é percebida como uma fase de mudanças no corpo, no afeto, nas referências sociais e relacionais; fase em que são vivenciadas algumas mudanças que estarão presentes no decorrer de toda a vida.

Para Fraga e Iulianelli (2003) a juventude está ligada a transição e à mudança, considerando que é uma fase da vida na qual se localizam muitas expectativas e ansiedade, associando essas características à possibilidade do jovem provocar e promover mudanças sociais. Uma das entrevistadas faz uma associação entre a juventude e o consumo, sobretudo em sua última frase desta citação:

Olha, eu já tava acostumada um pouco em ter aquele dinheiro, por que eu não trabalhava eu não tinha onde arrumar dinheiro e nessa época eu devia ter já uns dezesseis anos. Eu queria ter as coisas eu tinha um corpinho já de adolescente, então eu queria. (MULHER BOMBA, 22 anos).

O conceito de juventude tem seu sentido modificado de acordo com a época e com a sociedade; sendo assim, uma produção sócio-histórica. A expectativa de que o jovem é o responsável pelo futuro faz com que a sociedade tente exercer mais controle nas condutas dos jovens.

Carrano e Dayrell (2002) citam que os jovens são associados a uma visão de conflitos de personalidade e situações que envolvem violência, com ênfase aos pontos negativos. Os autores abordam a juventude como um “*vir a ser*”, uma condição de transição entre a infância e a vida adulta, depositando no futuro a expectativa das ações que realizam no presente, como se as ações juvenis do presente não tivessem valor, fosse apenas uma fase de passagem. Segundo os autores essa imagem da juventude está atrelada a uma associação equivocada da juventude como um problema social, de modo que, as ações para os grupos jovens são voltadas para esse estereótipo de resolver o problema da juventude.

A definição da juventude está atrelada ao contexto sociocultural de cada região e de cada época. Peralva (1997) citado por Dayrell e Carrano (2002) aborda a juventude como: *“uma condição social e um tipo de representação.”* De modo que não há um formato universal que determine características de acordo somente com a faixa etária. O conceito de juventude compreende assim o tempo histórico, condições sociais, culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero e entre outros aspectos, também da localização geográfica na qual o jovem está inserido.

Dessa forma, conceituar a juventude está para além dos moldes etários e de um conceito pronto. A juventude é construída de acordo com o contexto na qual o jovem está inserido e nas vivências que a sociedade lhe oferece. Silva Junior (2010) lembra que a juventude traz em si a marca do futuro, a expectativa de mudanças, exceto os jovens pobres que estão associados à violência, criminalidade, usa de drogas e situações de risco e o autor questiona para quem esse risco está direcionado.

Silva Junior (2010) cita Bourdier (1983) que acredita não haver uma categoria socialmente construída em torno do conceito juventude, devido às diferenças vividas pelos jovens que se distingue pela classe social a qual pertencem. De modo que, aos jovens pobres não é permitido o tempo da transição, da espera e da moratória social.

Dayrell e Carrano (2012) consideram a juventude na sua diversidade, o que implica em não se prender a critérios rígidos, mas na totalidade das experiências vividas no contexto social, não como uma condição com fim predeterminado que se encerra na entrada da vida adulta, mas, como uma fase da vida determinada por uma faixa etária que apresenta de um lado transformações individuais e, de outro lado, construções sociais e históricas.

Dayrell e Gomes citam um trecho da música *“Não é Sério”* do cantor Charlie Brown Junior: *“Vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério. O jovem no Brasil nunca é levado a sério (...). Sempre quis falar, nunca tive chance. Tudo que eu queria estava fora do meu alcance (...).”* (DAYRELL; GOMES, 2012, p. 1). Os autores ressaltam a partir desse trecho, a falta de espaço para a juventude; sobretudo nas políticas públicas. Além disso, essa música apresenta o preconceito social com o público jovem. É comum que considerem a juventude como um problema, ou como uma etapa arriscada e violenta. Isso acontece devido aos índices de violência, tráfico de drogas, entre outros índices sociais que apontam os jovens como principais autores. Esses índices de fato retratam uma realidade que precisa de alternativas de intervenções urgentes para serem sanadas. O problema está em reduzir a juventude, como causadora

do problema social e deixar de percebê-la também, como possibilidades positivas e potencialidades.

Silva Junior (2010) ressalta que quando jovens de origem popular são analisados no meio acadêmico, é abordada sua condição econômica e um ponto importante fica esquecido: a desigualdade social presente no país. Isso dá uma conotação de naturalização da pobreza. Outro ponto relevante abordado pelo autor é a utilização dos termos para se referir aos jovens das classes populares; como: “*jovens pobres, jovens das classes populares, jovens de origem popular, jovens de camadas populares, jovens vulneráveis, jovens em situação de risco, jovens moradores de favelas, jovens em situação de exclusão, jovens em comportamento de risco*”. (SILVA JUNIOR, 2010, p. 25). A questão não é o termo utilizado, mas, o sentido para qual o termo é usado; pois, refere-se muito mais a condição socioeconômica do jovem do que ao próprio jovem, e nem sempre essa diferenciação é explorada.

Assim, vale a atenção para um olhar direcionado para as vivências do jovem dentro do seu contexto, pois, dentre suas condições (econômica, social, geográfica, etc.), a pobreza é apenas um dos critérios a serem vivenciados diariamente além da exclusão no acesso às oportunidades e direitos sociais. Aos jovens pobres são atribuídas noções de:

violência, criminalidade, marginalidade, delinquência, falta de cultura, desestruturação familiar, incapacidade acadêmica, ausência de controle sobre os próprios desejos, desinteresse, pobreza subjetiva, associação ao tráfico de drogas, dentre outras. “Tais representações definem os jovens pobres ora sob o distintivo da carência (sempre lhes falta algo) ora pela exacerbação de comportamentos perigosos e negativos (uma violência em potencial)”. (SILVA JÚNIOR, 2010, p. 27).

Segundo Souza e Souza (2010), os jovens pobres não tinham suas manifestações culturais reconhecidas, de modo que os jovens eram representados apenas pela classe alta. Os jovens de classe baixa eram considerados delinquentes, desocupados e trabalhadores. Esse cenário sofreu alteração a partir do século XX com mudanças sociais, tais como: aumento da população e do poder econômico, urbanização, desenvolvimento dos meios de comunicação, a segregação socioespacial que faz emergir a classe média e logo em seguida, os jovens da classe pobre moradores de favelas e periferias.

A ideia de classe desviante, identificada com os (jovens) pobres, ganhou um novo contorno, passando a ser um problema de toda uma geração (dos jovens pobres e ricos). Aos poucos, a sociedade passa a aceitar com certa normalidade os dilemas de uma juventude crítica, portadora de transformações, capaz de transformar idealismo em realismo e romper com as estruturas sociais vigentes. (SOUZA; SOUZA, 2010. p. 118).

Apesar das características gerais marcadas pelo contexto social da juventude, vale ressaltar que a sociedade marca diferenças na vida dos jovens a partir de vários aspectos sociais e psicológicos que circunscrevem a vida de cada um. Como já visto neste texto, o sujeito é influenciado a partir do local onde mora, das pessoas com as quais se relaciona da cultura, do gênero, entre outros aspectos inseridos no contexto social do jovem.

Então, vale aqui o recorte de gênero, porque a vida social é diferente para as meninas e para os meninos. É também, de acordo com o sexo e com o gênero que cada um vai ocupar um papel social na expectativa dessa sociedade. Vale diferenciar esses conceitos e entender as interferências que essas diferenças provocam na vida dos jovens.

2.1. Juventude e Gênero – Diferenças Cruciais na vida social das meninas e dos meninos

Os autores Oakley (1972), Rubin (1975), Scott (1988), citados por Matos; Cortês (2010), afirmam que gênero é um termo que surgiu na década de 70 nos Estados Unidos a fim de distinguir o sexo entre as pessoas e, separar de acordo com a história social e política, os papéis que cabem ao feminino e ao masculino. A partir da década de 80, o conceito de gênero passou a ser um termo mais conhecido. Segundo Carmurça e Gouveia (2004) somente na década de 90 o termo gênero deixou de ser especificidade do âmbito acadêmico e em grupos feministas, e passou a ter legitimidade também nas análises sociais e políticas.

Gênero é um conceito que está relacionado aos movimentos das mulheres em busca de seus direitos, mas também, diz da realidade de toda sociedade, diz “*dos processos sociais e reveladores do cotidiano e da ação política dos sujeitos de nossa sociedade*”. (Camurça; Gouveia, 2004, p. 9). O conceito de gênero não deve ser considerado como uma característica estática e pronta, mas como um conceito aberto, construído socialmente que se altera de acordo com os movimentos sociais.

Para as autoras Matos e Cortês (2010), gênero refere-se a um conceito construído socialmente, que dita às regras do que compete ao homem e à mulher de modo que, de acordo com o sexo a sociedade separa papéis e condutas sociais diferenciadas para cada um, isso é o que pode ser nomeado de representações de gênero.

Ou seja, as dimensões, sentidos, símbolos, significados sociais e políticos diferenciados que estão associados aos sexos, seja o masculino ou o feminino e

também às posições relativas à homo ou heterossexualidade, constroem, de modo igualmente diferenciado e frequentemente assimétrico e desigual, os gêneros. (MATOS; CORTÊS, 2010, p. 19).

Por ser um conceito construído, sua definição varia a cada sociedade e cada época, além de diferenciar condutas de pessoas inseridas na mesma sociedade e ter o papel transmitido pelas gerações. Essas variações dependem da classe social, religião, raça, idade, etc., e esses pontos interferem na liberdade e autonomia de cada sujeito em fazer suas escolhas e manter suas relações. (MATOS; CORTÊS, 2010). Essa transmissão fica clara no discurso da Primeira Dama do Tráfico quando ela diz que se espelhou nas referências femininas que tinha seguindo os modelos ao seu redor. Além de servir como referência para as meninas da comunidade a entrevistada teve como referencias suas tias e mãe que ao analisar a história de vida da jovem, ela apenas segue o padrão de uma maioria, do feminino em sua família. Essas referências além de comportamento ditam um padrão de consumo:

Minha tia, que veio de São Paulo, então, eu achava muito lindo. Era bonita, então eu achava muito lindo aquilo, ela e aquele batonzão vermelho e unha vermelha ela tinha um cabelo. O meu cabelo era toin oin oin, né, ela tinha um cabelo alisado que o cabelo dela era... Também era ruinzinho ela alisou o meu cabelo. Ai começou né, eu queria ficar cada vez mais parecida com ela, comecei a beber e fumar, mais ainda do que eu já fumava, a maconha nunca foi meu interesse ai não sei como que aconteceu que eu comecei a usar o Crack, que eu acho que é a pior droga que tem pra se viciar... (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Para Weller (2005), o conceito de gênero assim como o de juventude, é construído na vida social, na interação com outras pessoas. Os resultados de pesquisas e as perspectivas teóricas apontam um norte para o conceito de gênero como algo construído na vida social e não como adquirido naturalmente.

O gênero é constituído de forma interativa e situacional; ele é discutido (ou não) num contexto e numa interação específica, nos quais as pessoas envolvidas assumem distintas representações de gênero. (WELLER, 2005, p. 113).

As autoras ressaltam que essa construção dita como cada pessoa deve se comportar de acordo com as expectativas sociais; existem maneiras adequadas para cada sexo, desde os atos mais simples como sentar, andar, falar, mostrar o corpo, enfim, de se apresentar ao mundo e se comportar nele. Segundo as autoras esses pontos não são criados à revelia, o ponto de partida está na supremacia patriarcal na qual a sociedade se

organiza. Não existe um padrão de como deve ser o comportamento das pessoas, a não ser, através dessa construção social. (MATOS; CORTÊS, 2010).

Além das diferenças referentes ao gênero, homens e mulheres atravessam outras diferenças referentes ao contexto social aos quais estão inseridos; ou seja, as pessoas terão desafios e níveis de poder diferentes a partir do local onde moram, da classe social, entre outros aspectos; como demonstra a citação a seguir: *“as relações de gênero situadas sempre em contextos sociais específicos demarcam espaços, delimitam possibilidades e configuram matrizes ou modelos de interação entre as pessoas, implicando pressões sobre aquelas que as transgridem ou subvertem.”* (YÉPES; PINHEIRO, 2005, p. 149).

As condutas e comportamentos são esperados a partir do sexo e da cultura. Além disso, as autoras Camurça e Gouveia (2004) abordam que o conceito em questão diz da forma como o homem e a mulher se relacionam estabelecendo posições de poder na relação entre eles. A sociedade espera que a mulher seja meiga, compreensiva, sensível e que tenha expectativas no casamento; nesse sentido, muitas mulheres têm seus desejos e planos oprimidos; enquanto espera que o homem seja forte, não demonstre sentimentos, não chore etc.

Desta forma, o conceito de gênero implica em uma relação, isto é, nas nossas sociedades o feminino e o masculino são considerados opostos e também complementares. Na maioria das vezes o que é masculino tem mais valor. Assim, as relações de gênero produzem uma distribuição desigual de poder, autoridade e prestígio entre as pessoas, de acordo com o seu sexo. É por isso que se diz que as relações de gênero são relações de poder. (CAMURÇA; GOUVEIA, 2004, p. 13).

De acordo com a citação acima é possível refletir sobre o lugar de poder que os homens são convidados (ou convocados) a assumir diante das suas relações sociais e diante de si mesmo. Segundo Abromovav e colaboradores (2010), espera-se que o homem seja viril, forte, decidido, e tolera-se que ele apresente-se por meio de comportamentos violentos. Espera-se que a mulher apresente o comportamento contrário. A mulher deve então, se apresentar como suave, delicada e afetiva, características contrárias à violência.

Essas definições estereotipadas estão tão enraizadas que, por vezes, violência e masculinidade viram sinônimos e as mulheres são invisíveis frente à criminalidade, como se não tivesse nenhuma participação em crimes violentos.

Então eu acho que me envolvi até demais, porque eu passava a droga pro cara vender e eu ficava no bar, eu sou mulher né, hoje não é tanto, mas ainda passa batido... porque ele ((policial)) até

sabe que ela se envolve, mas como o homem, homem polícia, fardado, não pode colocar a mulher na parede, para abordar e como nem todas as viaturas tem uma feminina fica mais difícil, e antigamente mais ainda, antigamente poucas femininas, na rua mesmo não tinha feminina, era difícil. Então sentava no barzinho e virava a noite, bebendo, num tava nem com vontade de beber mais, mas eu tava ali, bebendo só pra continuar o movimento, entendeu? (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Zaluar (1999), citada por Abromovav e colaboradores (2010), expõe que a expectativa da sociedade diante do homem jovem está atrelada ao poder. Esse poder pode ser proporcionado também pelo *“uso da arma de fogo, dinheiro no bolso, conquista de mulheres, o enfrentamento da morte e a concepção de um indivíduo completamente autônomo e livre”*. Comportamentos agressivos e de risco estão entrelaçados com o que se espera de um homem, associados à ousadia e coragem. Socialmente é isso o que representa a masculinidade, como pode ser exemplificado pelo relato abaixo quando a jovem diz dos valores do seu marido:

Eu podia ser presa com droga eu podia ser presa com revólver que tinha matado dez, vinte homicídios. Você esta entendendo então foi deus que deu a permissão de entrar lá dentro e ver o sofrimento que é feito. É assim o dinheiro foi pra luxo, certa parte pra luxo ele, tinha nove milímetros ele tinha doze, tinha dinheiro na carteira, tinha umas arma importada que eu nem sei de onde vinha aqueles trem. Uma coisa muito louco mesmo, umas armas pesadonas mesmo, pra ele isso era luxo e precisão, ele abastecia a boca toda e tinha arma. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Está clara a expectativa social para as mulheres e para os homens. A relação entre masculinidade e violência parece tão enraizada que chega a ser natural que os homens sejam violentos. É nessa perspectiva que os autores, Abromovav e colaboradores (2010), citam Machado (1998) e Waiselfisz (2006), ressaltando que, de fato, são os homens que estão à frente dos crimes violentos; tanto como autores quanto como vítimas, mas, a participação das mulheres no crime tem aumentado apontando uma transformação no quadro social. Transformação essa que não é divulgada na mídia e no meio acadêmico. Quando a mulher é citada em meio à violência ela é muito mais percebida como vítima do que, como agressora; reforçando assim, a expectativa de mulher sensível e homem violento.

Weller (2005) expõe que as jovens que se apresentam em conflito com a lei são pouco relatadas, tanto na mídia quanto na academia devido à associação do movimento de jovens meninas “*como pouco racionais ou como ações voltadas somente para o consumo de produtos veiculados a esses grupos*”. (WELLER, 2005, p. 111).

Segundo Abromovav e colaboradores (2010) a relação entre gênero e violência tem sido feita com mais frequência na literatura, avançando na discussão entre o que existe de comum entre os mesmos provocando análises sobre aspectos sociais, culturais e psíquicos. Um dos aspectos relacionados à violência é o sentido da masculinidade, associado às agressões, principalmente as físicas e ao domínio e exercício da autoridade. Assim, a expectativa é que o homem, sobretudo o jovem, seja detentor do poder como sinônimo da virilidade passando por provas de coragem, sendo assim, “*agente do poder, agente de violência*”.

Os jovens aparecem de forma muito mais acentuada do que as jovens, e, ainda assim, quando existem trabalhos que dão visibilidade às ações das meninas, esses, são voltados para sexualidade, gravidez na adolescência, questões de gênero, e poucos retratam as questões sociais, a participação cultural, e é possível acrescentar: no que tange ao envolvimento de meninas com o crime existem ainda menos trabalhos. Além de estudos e pesquisas teóricas é preciso se debruçar sobre o que acontece no cotidiano dessas jovens meninas para que as manifestações culturais às quais jovens do sexo feminino estão envolvidas sejam compreendidas, pois os grupos juvenis desempenham um papel importante na “*transição da adolescência para a vida adulta e na construção da identidade étnica e de gênero*”. (WELLER, 2005, p. 111).

CAPÍTULO 3 – OS JOVENS E O CRIME

Apesar da construção de gênero ditar os comportamentos padrões para cada sexo como relatado anteriormente, vale ressaltar que atos violentos realizados pelas meninas não significa que elas estejam necessariamente masculinizadas ou masculinas, assim como demonstração de afeto pelos meninos não representa feminilidade; são as meninas e meninos reinventando e reconstruindo os padrões de gênero.

A ligação entre violência e gênero é útil para indicar não apenas o envolvimento de mulheres e de homens como vítimas e autores (as), mas também o seu envolvimento como sujeitos que podem buscar firmar, mediante a violência, suas identidades masculinas ou femininas. (ABROMOVAV et al, 2010, pg. 55).

No Brasil foi a partir da década de 80 que a juventude envolvida com a criminalidade violenta passa a ter papel central na agenda política, isso acontece principalmente devido à identificação de gangues. (PINHEIRO, 2010).

Souza e Souza (2010) expõem o resultado de uma pesquisa feita no Rio de Janeiro, divulgada em 2009 a qual mostra que os homens têm 12 vezes mais chance de ser vítima de homicídio e o risco de um jovem negro morrer assassinado é de 2,6 vezes maior do que um jovem branco. Para que essas constatações sejam melhores compreendidas, sem que pareçam afirmações aleatórias, ou até mesmo, preconceituosas, vale abordar explicações da relação entre violência e juventude. Pois, mesmo que esses temas tenham sido trabalhados acima, sua articulação parece pertinente.

Como aponta a citação a seguir, são os jovens residentes das favelas que estão à frente dos crimes violentos: *“Como tudo no Brasil, também a vitimização letal se distribui de forma desigual: são sobretudo os jovens pobres e negros, do sexo masculino entre 15 e 24 anos que têm pagado com a vida o preço de nossa insensatez coletiva”*. (SOARES, 2004, p. 130).

Souza e Souza (2010) ressaltam que vários estudos comprovam o aumento da violência no Brasil, sobretudo os crimes violentos, e são os jovens o público que aparece como vítima desses crimes. Fernandes (2004) citado por Souza e Souza (2010) acrescenta que os números dos crimes violentos envolvendo esses grupos nas grandes cidades brasileiras estão entre os mais altos do mundo. O autor resalta a baixa escolaridade para os jovens envolvidos com os crimes violentos. Alguns aspectos articulados são responsáveis para essa realidade. São eles:

A escassez de políticas públicas destinadas a esse segmento populacional, um grande número de armas disponíveis (e sem controle do Estado) e o

adensamento do tráfico de drogas, principalmente nas periferias das grandes cidades. (SOUZA; SOUZA, 2010, p. 115).

O tráfico de armas e drogas é a dinâmica criminal que mais cresce nas regiões metropolitanas brasileiras, cresce articulada ao crime organizado – “*tiranizando comunidades pobres e recrutando seus filhos.*”. SOARES (2004). O fragmento do texto do sociólogo, Luiz Eduardo Soares, ilustra a violência cruel e aberta entre jovens de periferia, característica da lei estabelecida pelo tráfico de drogas nas periferias brasileiras:

“há um déficit de jovens entre 15 e 24 anos, na sociedade brasileira – fenômeno que só se verifica nas estruturas demográficas de sociedades que estão em guerra. Jovens pobres matam jovens pobres, numa dinâmica que não conhecem e não controlam em que todos são vítimas, mesmo aqueles que ocupam provisoriamente o papel circunstancial de algoz, no círculo vicioso que os conduzirá à morte precoce e cruel. Quando completam o trânsito para a posição de vítima e, finalmente, é descartados, a dinâmica mórbida que realimenta o jogo da violência os substitui como peças de reposição e o circuito perverso recomeça.” (MINAS GERAIS, 2009, p. 75).

Os jovens que se envolvem com o tráfico de drogas e/ou com os crimes violentos, detêm o poder da comunidade onde residem e assim, alcançam o respeito e admiração das meninas da região. Além desses jovens ocuparem o lugar de quem detém o poder e instaurarem a lei, eles possuem uma condição financeira diferenciada dos demais moradores podendo proporcionar às jovens bens materiais como bebidas, drogas, alimentação, e fatores subjetivos como a sensação de proteção, da ordem da comunidade, etc. Para isso, segue o relato de uma entrevistada falando das jovens de forma geral e do que lhes atrai:

Paula arrumava o Silva pra Ana porque Silva era sensação e Ana era novinha e virgem e o Silva tava querendo pegar a Ana, entendeu? aí Paula falava, falava, falava na cabeça de Ana até convencer aí ela tava lá no barraco dela e ele mandava caixinha de bombom, mandava um brinquinho, mandava a outra colega que já ta na vida já levar ela no centro pra escolher uma roupa, uma sandália, então, quer dizer eu sou pobre, minha mãe é chata quer que eu estudo, eu num quero estudar. Por quê? “Porque o fulano tem coisa boa pra me dá ele já me deu roupa, ele já me deu sandália, já mandou as meninas ajeitar pra eu cortar cabelo, fiz minha unha, olha eu nunca fiz progressiva no cabelo, fiz porque ele pagou, olha o brinco que fulano mandou pra mim e esse shortinho aqui como é que ficou? Acaba se envolvendo e se entregando totalmente entendeu? Hoje começa pelo fato da fama, porque eu quero ter meus 15 minutos com aquele famoso ali. Se hoje ele ta na fama vou pegar um rabo com ele, entendeu? O meu não foi dessa forma não sei se todos

é, mas aqui é dessa forma. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Soares (2004) aponta para a reflexão da invisibilidade juvenil através do preconceito e da indiferença. Ele defende que os jovens negros e pobres são percebidos nas ruas a partir de um modelo estereotipado que os mesmos carregam em suas imagens, a pessoa que está na rua tem sua história esmagada e anulada por ser percebida como perigosa, como uma ameaça. E, a invisibilidade pela indiferença se dá na medida em que *“muitos jovens pobres, especialmente os negros, transitam invisíveis pelas grandes cidades brasileiras”*. (SOARES, 2004, p. 133) os jovens passam despercebidos em meio à miséria declarada nas ruas. E, como pode ser percebido, o tráfico transforma-se na possibilidade mais próxima de visibilidade. As entrevistadas foram questionadas sobre as vantagens do envolvimento com o crime:

Vantagem? Nenhuma. Na hora, na verdade você fica lindinho achando que é bom. Na verdade, hoje eu não vejo vantagem, mas antes eu gostava, eu comecei a gostar. Por que você fica popular, todo mundo te conhece te trata bem... pela fama que você tem, medo, tudo. Muita coisa influencia. (MULHER BOMBA, 22 anos).

Nada, eu acho assim, não disso tudo, da minha relação com ele deixou os filhos que é herança minha. Minha herança, que pai é assim eu costumo falar muito pra (nome da filha) que boba é da mulher... Boba é a mulher pensar que ter filho e pensar que filho tem pai, por que pai é só enquanto ta com a mulher e depois que largou a mulher não é pai mais não. Você ta entendendo? Ou não deu pra entender, não é pai mais eu não tenho filho, quem tem filho é mulher. Mãe tem filho, pai não tem. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Soares (2004) ressalta que essa invisibilidade aparece como uma defesa social para que as pessoas deem conta de consumir e *“tocar a vida”* sem sentir culpa pela pobreza e miséria espalhada e declarada pelas ruas. Essa invisibilidade se encerra quando um desses jovens porta uma arma de fogo e passa a ameaçar a paz estabelecida como num grito (de socorro) de assalto, e esse jovem passa a ser visto como um bandido frio e brutal. Então, diante desse quadro, *“recupera-se visibilidade, recompõe-se como sujeito, se reafirma e reconstrói. Põe-se em marcha um movimento de formação de si, de autocriação. Se há dívida (fala-se tanto na grande dívida social), eis aí a fatura.”*. (SOARES, 2004, p. 141).

Na grande maioria dos casos, os motivos pelos quais tornam os meninos, em conflito com a lei, atraentes para as meninas é o poder, o respeito da comunidade, o dinheiro, a visibilidade citada acima, entre outros motivos. E, daí elas constroem as mais diversas formas de vínculo com a criminalidade violenta. Algumas se envolvem diretamente com a venda de drogas ocupando cargos na hierarquia do crime outras mantêm um envolvimento indireto tendo acesso antecipado à informações sobre futuros crimes, entre outras formas de vínculo. Abaixo, um fragmento que ressalta a entrada no crime de uma das entrevistadas:

Olha, eu entrei na vida do crime através de um namorado... um ex-namorado. Me envolvi com pessoa que já fazia parte do crime, aí automaticamente me envolvi também... essas coisas acontece naturalmente, ele vendia droga pra uma outra pessoa aí eu andava com ele, automaticamente ele tava vendendo eu tava do lado... Ai o tempo foi passando a gente tava junto e ele foi preso. Ai nessa época só ele vendia pedra no bairro, que era o crack e os outros meninos vendiam só o pó que é a cocaína. Ai parô, aí nessa época quando ele foi preso... a gente tava mais ou menos separado, ele tava com outra pessoa, outra menina e eu já tava com outro cara. Mas a gente ficava,... ficava a maior bagunça, ele ficava com a menina e comigo e eu ficava com ele e com o cara. Ai ele foi preso e os meninos que vendiam pra ele ficavam me procurando. Ficava nó: ajudam a levantar de novo, os meninos parecem que não tinham mente pra levantar o negócio eles parecem que tinha mente pra vender. Ai eu falei demorô, vão intão... (MULHER BOMBA, 22 anos).

3.1 As meninas “*Vida meia louca*”

O envolvimento dos meninos com a criminalidade é mais comum de ser estudado, do que o envolvimento das meninas, isso é explicado pela baixa incidência e por que socialmente o lugar delegado à mulher é o lar e a família. Além disso, os crimes praticados pelas mulheres são de baixo teor violento como, por exemplo, dano ao patrimônio. Estudos mostram que quando a mulher se envolve com atos ilegais e criminosos, ela já sofreu danos físicos e psicológicos no decorrer da sua vida, aumentando a vulnerabilidade dessas mulheres. (CONSTANTINO, 2001).

O título escolhido para esse subcapítulo surge quando a segunda entrevistada utiliza esse termo para se descrever. A “*Primeira Dama do Tráfico*” nomeia sua vida: “*meia louca*”. Por muitas vezes na entrevista ela relata que é “*meia louca*”, que teve a vida “*meia louca*” ou que as pessoas acham que ela é “*meia louca*”,

após a entrevista ela mostra um grupo de meninas “*vida meia louca*” na rua. Vida Louca é um jargão utilizado pelos jovens da periferia e letras de funk referindo-se ao envolvimento com o tráfico de drogas.

Então, eu sou meio assim eu sou meia louca, todo mundo vai achar que eu sou meia louca, foi assim, com nove anos de idade eu já era perdida já. Era assim minha cabeça era à frente do que minha mãe tinha pra mim, pros meninos dessa idade. Nove anos de idade eu me apaixonei pelo irmão mais velho dele, é paixão de escolinha de menininho mesmo, então, aí quando eu tinha 10 pra 11 anos esse irmão dele era bem mais velho, ele tinha namorada e eu vi os dois juntos, aquilo foi uma decepção amorosa eu até tentei pular da laje, que minha mãe tava construindo. Morri, morri cabô pra mim, aí a gente parou de dar beijin por que antigamente era só beijin. Com treze anos como eu era muito sapeca e minha mãe autorizou a namorar dentro de casa, e com ele, aí namorei dois meses só, por que eu queria era só vingar dele, entendeu? Desse irmão mais velho dele e namorei com esse outro rapaz também era envolvido com malandros também na época de pivete. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Zaluar (1994) constata, numa pesquisa no Rio de Janeiro, que as mulheres não estão à frente dos crimes violentos, elas costumam se envolver com crimes poucos arriscados como citado acima, (exceto o envolvimento em quadrilhas do tráfico de drogas). As que se envolvem mantêm uma relação secundária através dos seus pares amorosos, seja namorado, marido, parceiro sexual, etc. No caso da Mulher Bomba, ela relata que entrou no crime através do namorado, mas permaneceu por ganância, ou seja, ela encontrou no crime um motivo seu para permanecer. No relato da jovem citado abaixo, ela deixa explícito o lugar conquistado no grupo que a convidou a assumir a liderança local, pelo fato dela ser: “*mulher do patrão*”, lugar este, que foi bem aceito por ela:

Há uma proposta, He: uma proposta no caso, tipo assim, pra financiar por que eles também usavam droga eles derramavam então eles num tinham controle pra levantar o negócio, administrar o negócio deles era vender ficar na rua era só isso que eles sabiam fazer... eles me chamaram por que sabia, por causa da convivência que a gente tinha, confiança essas coisas e por que achavam que eu podia arrumar dinheiro e levantar e pelo fato de eu ser... Na língua deles, a mulher do cara que era o patrão deles. Ai eu fui e, há, aceitei a proposta ai eu fui e peguei fiado... Ai eu fui e comecei, peguei droga fiada e coloquei eles pra vender, eram dois ou três eu não recordo exatamente. Ai eles começou a vender ai ia passando o dinheiro eu ia pagando, comprando e repondo e fui levantando aos poucos, de novo né!

Ele saiu e a gente começou a se levantar. Ai muita coisa aconteceu. (MULHER BOMBA, 22 anos).

Nesse trecho da entrevista também fica claro que, na opinião dela os meninos não tinham perfil de liderança, não conseguiriam administrar o negócio, a habilidade deles era vender, enquanto ela conseguia vender e administrar o negócio. Nesse fragmento citado acima, a jovem utiliza o termo “*mulher do patrão*”. É comum que as meninas que mantêm alguma relação com os meninos envolvidos com o crime tenham nomes referenciando-as como submissas a eles: “*mulher do patrão*”, “*primeira dama do tráfico*”, “*mulher de bandido*”, etc. Esses nomes as colocam num lugar de destaque na comunidade onde moram, como pode ser percebido com as duas entrevistadas. Em uma das entrevistas, a jovem relata o quê mantém a atração entre os meninos envolvidos com o crime e as meninas de periferia:

Elas se envolvem é porque gostam, sinceramente. Olha, uma coisa incrível do mundo, eu vou falar pra você que eu não tô mentindo não, é malandro as novinha tá querendo, é um ex-presidiário, no: ssa mãe, até vende o cabaço, eu to falando sério! Vende não, dá de presente né, da de presente, da de presente porque ele é malandro, tava preso, saiu da cadeia tem nome entendeu? Gente eu fico muito triste porque essa garota, que ela precisou sair da escola, sabe? Essa menina por causa do nome do cara, dos caras, porque tinha o cara né? O todo poderoso, e os braços dele, né, que sem eles, sem braço e sem perna não ia funcionar, então essa menina por causa de nome e por causa de colega também, ah mais ele é tal, ele é aquilo, ele é o cara, ele tem carro, tem, tem,tem tantas casas, tem tantos carros, tantas motos, tem muito dinheiro, nós vamos ficar as pampas, nós vamos ficar legal. “Então vamo embora”, essa menina transou com quatro caras, a primeira vez dela foi com quatro cara, você tá entendendo? Isso acabou com a vida dela, Quando, eu acho que quando ela acordou que tava um contando pro outro o que fez com ela sabe? Que jogou... porra na cara dela, enquanto o outro fazia na boca e o outro fazia num sei na onde, ela teve que sair da escola, ela teve que mudar daqui, entendeu? Então ela ficou por quê? Só por causa do nome do cara. Ela perdeu o rumo da vida dela todinha só por causa do nome do cara. Então hoje em dia por causa do nome, porque dá status, as mulheres tão caindo matando. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Nessa parte da entrevista fica explícita a palavra status como uma das causas de interesse das meninas pelos meninos envolvidos com o crime, e na citação abaixo o risco social disso, porque as meninas referenciam os meninos mais envolvidos e eles são reforçados por esse interesse das meninas.

“A história entorta quando muitas, entre elas, elegem como modelo o macho violento, arrogante, poderoso e armado. Porque, sendo assim, muitos, entre eles, vão imitar esse modelo, copiar suas manhas, identificar-se com seus valores... As moças, aquelas encantadas pela estetização do mal, atuam como mediadoras da violência, turbinando a adrenalina de seus pares.” (SOARES, 2004, p.152).

Essa relação é uma via de mão dupla. Na mesma medida que as meninas cometem seus crimes através dos meninos, estes colocam as meninas sedutoras como uma das causas principais das disputas de poder. Os jovens, independente do sexo, naturalizam a violência como se, houvesse apenas duas alternativas: matar ou morrer diante da guerra do tráfico. Através dessas relações com os meninos, as meninas aprendem a manusear armas que possibilitam poder e respeito em portar um objeto com um poder mortífero.

...mas aí eu também queria aprender a dar tiro quero fazer isso também... Tinha gente do exercito vindo trazer as armas pra ele, então eu pensei realmente nós vamos ter guerra. Então foi aquele envolvimento muito tenso... Eu ia na padaria era seis e vinte da manhã, não esqueço desse dia nunca, entrei na padaria comprei o pão tava fazendo calor demais e fui andando devargazinho...e arma dele pequena na minha mão. E do nada ouvi um barulho assim aí olho pra trás, alguém gritando é tiro é tiro na sua cabeça! Ou assim ó cada passo que eu dava era uma bala que passava então eu comecei a correr. Aí saí correndo, fiquei muito assustada já fiquei internada também, eu tive envolvimento com arma. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Quando questionada sobre seu envolvimento com a guerra, ela explica seu papel e o possível lugar de uma mulher numa guerra:

Com a guerra? Só encher as armas. Ainda falo só né? ((risos)). Porque no início a guerra começou... pergunta pra eles hoje, eles não sabe mais, não lembra, ah eu tô na guerra por não vou com a cara de fulano Lá de baixo, o cara folgado tirou minha irmã meu, c tá entendendo? mas a guerra começou por causa de uma mulher. Por causa de uma mulher que a guerra começou, e a mulher era daqui de baixo, hoje ela é presa, eu cheguei até a ficar no mesmo presídio que ela. Eu não lembro exatamente o que ela fez, parece que eu tenho assim umas falhas de memória, ou é por causa da droga ou por causa do remédio ou os dois, e a bebida ainda ajuda. Eu sei que essa menina morava aqui, os parentes dela tudo mora aqui e envolveu com um camarada lá de cima, sei também que ela usava muita

droga, usa ainda, um homem atirou em outro por causa dela. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

É preciso que se diga que as gurias estão se tornando mais do que meras mediadoras ou muletas que sustentam modelos de identificação para os guris. Elas têm assumido posições de destaque, frequentemente como protagonistas, para o bem e para o mal. Ou seja, têm matado e morrido mais, participando do crime; e têm salvado e morrido mais, participando dos esforços de paz. O que não significa que, no mundo do crime, elas não continuam sendo oprimidas e humilhadas. O crime parece concentrar o que há de pior na sociedade: a busca do ganho a qualquer preço e o machismo mais despujado e violento. (SOARES, 2004, p. 153).

A jovem entrevistada diz que as jovens atualmente querem os meninos que têm fama e dão presentes e quando questionada sobre o grau de importância entre a fama e o dinheiro ela responde:

Os dois, um é companheiro do outro, um acompanha o outro, se tiver fama e só tem fama, não consegue pegar ninguém, não consegue. Porque num vai ter dinheiro pra levar a menina lá num motel bacana, num vai ter dinheiro pra pagar uma bebida pra ela, um suco que seja, num vai ter dinheiro pra dar presente. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

...eu nunca precisei do dinheiro dele, ao contrário, ele que precisa do meu até hoje, se eu não trabalhar ia ser muito mais difícil do que já é. Quando eu não tô trabalhando de carteira assinada, eu chego e me viro, faço cabelo, unha, faxina, olho menino, mas eu sempre tenho o meu dinheiro. Eu não consigo controlar ele, agora eu tô até dando uma controlada; tô fazendo uma poupança forçada que eu não queria fazer, é um título de capitalização Eu sempre tive o meu, independente se ele tinha muito, porque ele pensa, quanto mais eu tenho, aí eu vou gastar mais ainda, entendeu? Antigamente era assim. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

No sistema capitalista, na era do consumismo, quem tem mais poder de consumo tem mais status, e, conseqüentemente maior sensação de liberdade. É sob essa perspectiva que todos desejam ser inseridos na zona de consumo, não é diferente com os jovens da periferia. A grande diferença está no acesso do jovem da periferia aos objetos de consumo. Além disso, quem possui os objetos de consumo determinados pela lógica social do modismo tem um destaque positivo frente à sociedade; de modo que, quem tem o poder de consumo é também admirado.

Aí deixei ela ((a amante do marido)), eu peguei cinco mil fui lá no centro e comprei um m: onte de roupa, eu era tirada a crente, eu comprei um m: onte de saia fui lá: na Savassi, eu num sei de onde eu tirei isso da cabeça, comprei umas sandálias

carrérimas, que eu nunca usei, umas saias que eu comprei no Barro Preto ((Pólo da Moda de Belo Horizonte)), tem duas aí em casa ainda delas, comprei um monte de roupa pra todo mundo que eu lembrei, sabe? Gastei tudo. Ai deixa eu falar procê: aqueles cem aqui que eu peguei que tinha que fazer duzentos, eu num posso gastar esses duzentos não. E eu peguei esse cinco mil, mas esse cinco mil fez tanta falta pra mim! Porque aí aparecia uns grandão tudo na porta querendo o dinheiro querendo os cem, e os cem já foi, entendeu? Era eu que fazia as conta eu sabia que tava faltando. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

O trabalho no tráfico de drogas aparece no discurso das entrevistadas como uma alternativa para sair da pobreza. Porém no discurso das jovens, fica claro que o dinheiro tinha outra função de consumo para além das necessidades básicas de alimentação, vestimenta, lazer, etc. O dinheiro ocupa um papel de acesso a modismo, bebida, drogas e festas, além disso, o dinheiro conquistado no tráfico não serviu para oferecer-lhes uma vida mais confortável.

Pelo dinheiro que a gente tinha dava pra ter casa própria, num era pra ta dependendo de ninguém né? E, mesmo tendo passado esse tempo todo na cadeia, era pra ter. O pouco que eu tinha os policia levou... ((risos)), foi o primeiro pagamento que a boca me deu, por eu ter ajudado eles a organizar porque tava tão assim, tão sem controle. Pegava dos cem pra fazer duzentos e fazia só cinquenta, droga sumia, e num tava podendo comprar arma, não tava podendo comprar munição. Na época, num era essa guerrinha... era guerra que você acorda seis horas da manhã e tem dois, três esticado aqui, dois três esticado lá em cima, dois três esticado lá embaixo e a polícia aqui aparecia? ((faz barulho com a boca dando resposta negativa)) só depois que o corpo tava três ou 4 horas esticado no chão. A polícia não tinha tanto peito pra entrar aqui, então tava muito ruim mesmo, muita gente de paz mudou daqui, mudou pra não morrer. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

...eu andava de taxi pra cima e pra baixo eu tinha dinheiro pra pagar, por exemplo, teve uma vez, ele veio ai chegou o carnaval! Ah vamo no carnaval? Vão! A gente morava em... Contagem há vão lá em Esmeraldas vão? Vão! Chama o taxi ai, peguei um taxi de Contagem a Esmeraldas ficava caríssimo, e a gente ia. Ia pra boate, há chama um taxi aê! Foi isso que... se você ta na vida normal mal mau, ce passa mal tem condições de pagar um taxi! Quanto mais pá lazer. Então são coisas que sobem na cabeça. (MULHER BOMBA, 22 anos).

A jovem relata sua visão sobre o dinheiro atualmente, enquanto trabalhadora de carteira assinada, e diz do de um objeto de valor no consumo juvenil: o tênis.

Olha continua sendo muito importante, mas de uma maneira diferente, é: a gente, a gente precisa de dinheiro pra viver, pra se vestir, pra ter lazer, pro'cê se alimentar pro'cê sobreviver. Até pro'cê se manter limpo você precisa de dinheiro e só que eu não quero... Excesso de dinheiro eu quero o que eu preciso eu quero o básico... Há, o básico há dois tênis pra mim é o suficiente eu não quero cinco tênis, dez tênis. Tem pessoas que querem. O básico é o que eu preciso de verdade. (MULHER BOMBA, 22 anos).

A “*Primeira Dama do Tráfico*” diz que as jovens se interessam por jovens que tem nome e quando questionada ela responde que esse nome é do traficante e complementa:

“Oh fulano chegou”. Nossa as novinha ficava doida, é o nome dele entendeu, ah porque fulano fez nome, ah subiu, tem um monte de casa, um monte de mulher, e todas as mulheres dele e filho, todas recebem tanto por mês, ow, você vai acertar é na loto sô! Entendeu? Porque eu falo isso com você, isso é uma conversa dela, até mesmo porque quando eu saí do presídio, me senti mais só do que nunca, eu já me sinto sozinha. Eu tinha uma amiga que a minha irmã falava assim olha: você conta mais com ela do que comigo. Ela era loira eu era morena. O pensamento dela era o mesmo que o meu, gostava das mesmas coisas que eu, a gente namorava o mesmo cara, tipo tinha um namorado pras duas meninas, entendeu? Não de ir pra cama, mas de beijinho, isso aqui? Nós ficava mesmo. Nós cheiramos cola junto, nós fumamos maconha junto, sabe? Nós aprontou muito junto. Eu tinha uma amiga, eu perdi ela por causa do crack, por causa do crack eu perdi ela. Então assim, quando sai da cadeia eu ainda quis procurar ela, ela ainda morava aqui, hoje ela não mora, mudou daqui. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Moura (2007) citada por Constantino (2001) relata que quando o rosto da violência é feminino logo surge uma indignação, revolta e visibilidade. Os atos violentos cometidos pelas mulheres sofre uma tendência de ser patologizado, explicado por um ato de descontrole, desespero, transferindo a culpa para outra pessoa amenizando a responsabilidade da autora.

Quando essa patologização não ocorre, é conferido à mulher o lugar de respeito por ser mulher de bandido, essas leituras sociais de patologizar ou dar lugar de destaque, limitam a leitura da participação feminina na criminalidade, justificando seus atos com

recortes que nem sempre representam a verdade de cada uma delas. Assim como pode ser constatado a partir da fala da entrevistada quando relata sobre o convite feito pela comunidade para que ela assumisse a liderança do tráfico local:

Eles me chamaram por que sabia, por causa da convivência que a gente tinha, confiança essas coisas e por que achavam que eu podia arrumar dinheiro e levantar e pelo fato de eu ser... Na língua deles, a mulher do cara que era o patrão deles. Ai eu fui e, há, aceitei a proposta ai eu fui e peguei fiado. (MULHER BOMBA, 22 anos).

No relato abaixo a mulher aparece como ponto crucial na administração do tráfico de drogas, como um controle secundário, de modo que o homem mantém o “nome” e consequentemente, a fama, o poder e a liderança mas a mulher ocupa um papel fundamental na administração do negócio, ocupando o lugar de liderança no caso do companheiro ser preso. Muitas mulheres assumem crimes de porte de drogas e de armas e são presas no lugar dos seus pares afetivos ou assumem a liderança da ordem no tráfico de drogas enquanto seus parceiros estão presos, mostrando coragem por enfrentar qualquer situação com esses parceiros, mas também, uma submissão ao responder por crimes que não cometeram.

...tem sempre um homem na frente. Sempre tem o homem na frente... se tiver que ir, vai primeiro. As mais cabeças não igual, mas graças a deus também se não nem sei o que seria de mim hoje né? Talvez eu estivesse pior... Ou melhor, eu não sei o que seria de mim hoje, mas tem que ter essa mulher é essencial ter essa mulher, mas ter aquele cara ali pra levar o nome do negócio. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Por que mulher é mais cabeça é mais controlada pra fazer as contas entendeu, esconder as coisas... Então eu tive que tomar o controle da situação... por que se não tiver esse cara vai trazer outro cara e vai beber e vai cheirar e vai trazer outro cara que bebe e cheira. Ai vai ficar uma turma que bebe e cheira então nunca vai sobrar dinheiro pra guardar. Hoje eu passo o cão, amanhã passo o crack e depois o bagulho. Entendeu? E não vai ter a mulher pra fazer isso à mulher faz isso à cabeça do homem é apenas uma droga sabia? Se não tiver uma mulher por traz ele não consegue fazer. E se não tiver uma que for cabeça vai fazer do mesmo jeito, vai ser só festaiada...É, por que muitas dessas meninas que se envolve hoje é só pra lanche, é só pra lanchinho, por que pode até fazer filho nelas, mas não assume. Pra assumir e colocar tipo numa casa dar moradia pra elas tem que ter cabeça. (PRIMEIRA DAMA DO TRÁFICO, 33 anos).

Assim, pressupõe-se que o envolvimento das meninas com a criminalidade violenta é multifatorial, não existe apenas um fator. É preciso entender o contexto dessas jovens e os motivos que as levam a se envolver com a ilegalidade. Entendendo esse contexto é possível pensar a viabilidade de intervenções com o objetivo de atender melhor a população em questão; tanto antes do envolvimento, evitando que esse caminho seja uma opção, como depois, para que elas consigam percorrer um caminho de responsabilização pelas suas escolhas, sabendo os riscos que envolvem cada uma das opções percebidas por elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho, desde seu início, não objetivou concluir ou fechar a discussão sobre o envolvimento das meninas com a criminalidade violenta; ao contrário, esse trabalho propõe ampliar questionamentos e reflexões acerca dos motivos que as meninas percebem como ganhos para manterem esses vínculos com atos criminosos. Na construção desse trabalho muitos pontos sugeriram como possibilidade de maior discussão (estrutura familiar, leis do tráfico de drogas, comunidades que tem uma única liderança no tráfico e consegue manter uma rotina pacífica através de suas leis, leis acerca da juventude, projetos e programas que atendem ao público jovem, etc.), mas que, não cabem devido ao tempo e a estrutura que o trabalho se propõe. Esses temas servem como uma provocação de análises posteriores, constatando que esse trabalho não se encerra em si mesmo.

Como já foi mencionado anteriormente, não são as meninas que estão à frente dos crimes violentos, mas é notório através principalmente dos relatos das entrevistadas, que elas têm grande participação na estruturação da criminalidade nas comunidades as quais residem.

Assim é possível pressupor, como já relatado no discurso das entrevistadas, que são diversos os motivos que levam as jovens a se envolverem com a criminalidade violenta. É preciso entender o contexto dessas jovens e os motivos que as levam ao envolvimento com a ilegalidade. Entendendo esse contexto é possível pensar a viabilidade de intervenções com o objetivo de atender melhor a população em questão; tanto antes do envolvimento, evitando que esse caminho seja uma opção, como depois, para que elas consigam percorrer um caminho de responsabilização pelas suas escolhas, sabendo os riscos que envolvem cada uma das opções percebidas por elas.

No discurso das entrevistadas ficam claros os atrativos sedutores para a vida ilícita: status, poder, respeito, acesso a bens materiais e formas de lazer, entre outros ganhos. A entrada das duas entrevistadas se deu através (ou facilitada) por alguma presença masculina. A “*Mulher Bomba*” assume a boca que era do namorado e a “*Primeira Dama do Tráfico*” fica numa posição estratégica de articuladora do comércio enquanto seu marido está à frente. Mesmo que elas encontrem nos rapazes (namorados ou maridos) um facilitador para essa entrada existe um motivador que as movimentam no crime, pois, elas permanecem na vida do crime mesmo quando eles se distanciam fisicamente pela prisão.

A passagem pelo sistema prisional não era o foco das entrevistas, mas é inevitável não perceber o impacto desse momento nas decisões posteriores das mulheres entrevistadas. Para a “*Mulher Bomba*” foi possível pensar em outro caminho, mesmo que em um momento da entrevista ela diz que foi preciso a oportunidade de um trabalho, pois na falta deste, o tráfico poderia ser uma opção. Seguem os planos da jovem:

Há, eu quero estudar, ter profissão, ter um salário bom que possa suprir minhas necessidades... quando eu tava no crime eu sai, fui presa lá dentro eu voltei, estudei... Ai lá dentro eu fiz o primeiro ano do ensino médio, ai eu sai, ai fui morar em Ribeirão das Neves, tive uma dificuldade com escola fiquei um ano sem estudar. E este ano eu estou estudando o segundo ano do segundo grau, ensino médio... Pretendo ou um curso técnico ou uma faculdade... a área exata eu não sei não! Mas, eu quero estudar a sociedade num sei se é assistente social num sei nem as opções que eu tenho, mas quero trabalhar com a sociedade... (MULHER BOMBA, 22 anos).

Enquanto a “*Primeira Dama do Tráfico*” sai do sistema prisional decidida a não se envolver novamente com drogas e com o tráfico, mas algo lhe motiva a continuar. Segundo ela, a imposição do marido.

Essas duas entrevistadas podem representar a juventude de forma geral, que almeja exercer uma vida cidadã, com acesso à bens materiais através do trabalho formal e dos estudos. Para isso, é necessário que tenha espaço nas agendas políticas e consequentemente nas políticas públicas. Espaço este que seja capaz de tratar esse problema social com suas peculiaridades e singularidades sem generalizações e práticas assistencialistas; enfrentando a situação real que está posta. As meninas envolvidas com a criminalidade violenta precisam de espaço que propiciem uma escuta sobre suas demandas, espaço que elas possam mostrar sua força e suas capacidades, espaços que elas possam satisfazer essa necessidade de visibilidade, porque no crime elas já mostraram sua força.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Contexto histórico e condição juvenil. In: ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis: Punks darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Ed. Página Aberta Ltda, 1994.

ABRAMOVAY, Miriam et al. Gangues, Gênero e Juventudes: Donas de Rocha e Sujeitos cabulosos. 1. ed. Brasília, 2010. Cap. 1, p. 40-49, cap. 2, p. 146-159.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Senado, 1998. Cap. VII, art. 227, p. 144-145.

CAMURÇA, Silvia; GOUVEIA, Taciana. O que é gênero? Cadernos SOS Corpo. **Instituto Feminista para a Democracia**. Recife, v.1, 4. ed. 2004. Disponível em: <http://nucleodireitoshumanoseinclusao.files.wordpress.com/2011/08/cartilha-_o_que_e_gc3a3c2aanero__4c3a2c2aa-edic3a3c2a7c3a2c2a6o_miolo1.pdf>. Acesso em: 16 set. 2012.

CARRANO; DAYRELL. Observatório da Juventude. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. 2002. Disponível em: <http://www.direitoshumanoscontagem.org/html/aprender/jovens_no_brasil_dayrell_carrano.pdf>. Acesso em: 22 Set. 2012.

CASTRO. Lucia Rabello. A politização (necessária) do campo da infância e da adolescência. **Revista Psicologia Política**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, 2007.

CHAUÌ, Marilena. A não violência do brasileiro: um mito interessantíssimo. 1980. Disponível em: <<http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1448>>. Acesso em: 29 out. 2012.

CONSTANTINO, Patrícia. Entre as escolhas e os riscos possíveis: a inserção das jovens no tráfico de drogas. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. 2001. 196f. Dissertação - Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Saúde Pública. Disponível em: <<http://arca.icict.fiocruz.br/bitstream/icict/4666/2/251.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

CRUZ, Márcia Maria da. **Vozes das Favelas: representação, identidade e disputas discursivas no ciberespaço**. 2006. Disponível em: <<http://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalistas/artigo-29.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2012.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo César R. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. Observatório da Juventude. 2002. Disponível em: <http://www.direitoshumanoscontagem.org/html/aprender/jovens_no_brasil_dayrell_carrano.pdf>. Acesso em: 22 Set. 2012.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; GOMES, Nilma Lino. **A Juventude no Brasil**. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/objuventude/>>. Acesso em: 22 Set. 2012.

FEFFERMANN, Marisa. **Vidas Arriscadas: O cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006. Cap. I, II, V, IV, p. 19-175.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. Juventude, para além dos mitos. In: FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. (Orgs.). **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2003.

GENTILINI, João Augusto. A visibilidade e a invisibilidade social do “problema adolescente e jovem” na sociedade. In: VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de. **Adolescência as contradições da idade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. WAK, 2010. Cap. 1, p. 27-54.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R. ; VANNUCHI, P. (orgs.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. Cap. X, p. 89-114.

KERBAUY. Maria Teresa Miceli. Políticas de Juventude: Políticas Públicas ou Políticas Governamentais? **Estudos de Sociologia**, São Paulo, v.18/19. 2005. Disponível em: <<http://200.145.78.103/index.php/estudos/article/viewFile/123/121>>. Acesso em: 14 set. 2012.

LOPES, Roseli Esquerdo et al.;. Juventude Pobre, Violência e Cidadania. **Saúde Soc**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 63-76, set. 2008.

MATOS, Marlise; CORTÊS, Iáris Ramalho. Mais Mulheres no Poder: Contribuição à Formação Política das Mulheres. **Secretaria de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Presidência da República, 2010. 108 p.

MAZZA, Débora. Por uma sociologia da juventude. In: VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de. **Adolescência: as contradições da idade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. WAK, 2010. Cap. 2, p. 55-80.

PINHEIRO, Christiane Nicolau. **Subculturas Juvenis: uma breve discussão em torno da participação feminina em gangues ou galeras de Belo Horizonte**. Universidade Federal de Minas Gerais. 2010. 70f. Trabalho de conclusão de curso (TCC) - Universidade Federal de Minas Gerais, programa do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública/CRISP da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <http://www.crisp.ufmg.br/arquivos/teses_monografias/monografia_ChristianePinheiro.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2012.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Defesa Social. **Superintendência de Prevenção à Criminalidade: A experiência de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 2009. Cap. 1, p. 34-43.

SILVA JUNIOR, Paulo Roberto da. Juventude pobre e trabalho: as experiências dos jovens que participam de programa de aprendizagem profissional na Região Metropolitana de Belo Horizonte. **Juventude e a Desigualdade Social Brasileira**.

Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2011. Cap. 2, p. 16-44.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. Cap. 7, p. 130-159.

SOUZA, Robson Sávio Reis; SOUZA, Ângela Maria Dias Nogueira. Juventude e Violência: novas demandas para a educação e a segurança públicas. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, ano 4, 6. ed. fev.- mar., 2010.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13. n. 1. jan.- abr., 2005.

YÉPEZ, Martha A. Travesso; PINHEIRO, Verônica de Souza. Socialização de Gênero e Adolescência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 216, Jan. – abr. de 2005.

ZALUAR, Alba. Democratização inacabada: fracasso da segurança pública. **Estud. av.**, São Paulo, v. 21, n. 61, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-401420070003000003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 nov. 2012.

_____, Alba. Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, v. 1. 2004. 438 Cap. 9, p. 200-289

ANEXOS

Pontos que nortearam as entrevistas:

Como aconteceu seu envolvimento com a criminalidade violenta?

- Contexto familiar
- Lazer – cultura
- Escola
- Saúde
- Vínculos afetivos: amigas e amigos/ namorados/ mãe/ pai/ dinheiro/ planos de vida e de carreira profissional
- A entrada para o crime foi uma decisão ou “aconteceu”?
- O que motivou a se envolver com o crime?
- Esse motivo foi alcançado?
- Qual o valor desse motivador atualmente?

Transcrição da entrevista de “*Mulher Bomba*”

Legendas :

Pesquisadora = P

Jovem Entrevistada = J

M= Nome entrevistada

P: M queria que “cê” me contasse do seu envolvimento com a criminalidade, como aconteceu? O que lhe motivou? Queria que você me contasse um pouco.

J: ((ruído)) Olha, eu entrei na vida do crime através de um namorado... um ex-namorado. Me envolvi com pessoa que já fazia parte do crime, aí automaticamente me envolvi também.

P: E como que foi esta relação com o namorado pra você entrar na vida do crime? Foi um convite? Como foi que aconteceu?

J: Não, num é convite não essas coisas acontece naturalmente ele vendia droga pra uma outra pessoa aí eu andava com ele automaticamente ele tava vendendo eu tava do lado.

P: Nesse momento você não vendia então?

J: Não vendia, mas ficava com ele do lado.

P: Nesse momento você se sentia envolvida com o crime?

J: ...Não... ((silêncio))

P: Por que você tá rindo?

J: ((tom de voz baixo)) Vergonha

P: Hã?

J: Vergonha

P: ((risos)) Vergonha? Por que? ((risos)) Não fica não! Fica a vontade.

P: Vergonha de que?

J: ... ((tom de voz baixo)) Do gravador.

P: ((risos)) Faz de conta que ele não existe, faz de conta que a gente está conversando.

P: Eu queria saber éh::::: como que foi , éh::: em que momento que você assume o envolvimento com o crime, que até então você namorava com ele. Ele vendia droga e você não se sentia envolvida. Não é isso?

J: Antes ele, ele tinha um nível menor na vida do crime

P: Como assim?

J: Ele vendia pra outra pessoa aí depois ele e outro.

P: Aham.

J: Ai era o que comandava foi preso ai eles começaram a ficar separado cada um por si. Ai cada um começou a vender por conta própria ele foi subindo de cargo. Ai depois ele começou a colocar outros meninos pra trabalhar pra ele, ou seja, ele já subiu de nível de novo.

P: Ele ficou como dono da boca?

J: ...É::: na parte dele por que outros trabalhava por conta própria também. De uma parte.

P: Então tinham várias bocas?

J: É pequenas bocas, ai ele tinha os meninos que trabalhavam pra ele, que eram chamados de guerreiros né. Seis a cinco que trabalhavam pra ele, mas ele também vendia, ele não ficou sentando esperando o dinheiro ele queria estar ali pra sentir aquilo também, por que se ele ficasse só pegando o dinheiro ele ia fazer o que da vida dele se ele não trabalhava ele não fazia nada. Por incrível que pareça aquele movimento também, ai tipo ele pegava pra ele e também ficava vendendo em outro canto por mais dinheiro e pra poder ficar na rua.

P: Você acha que é para além do dinheiro M.?

J: Se é para além do dinheiro? É

P: É o quê que esta além do dinheiro?

J: Fama, poder... o poder que a pessoa acha que tem, uma ilusão de poder.

P: Por que, não existe este poder?

J: Há... Só na cabeça da pessoa, pode ter um pouco de respeito eles querem ter respeito também. Eles acham que é respeito, mas a população acha que é medo.

P: A população sente medo e eles acham que é respeito?

J: É diferente... Ai o tempo foi passando a gente tava junto e ele foi preso. Ai nessa época só ele vendia pedra no bairro, que era o crack e os outros meninos vendiam só o pó que é a cocaína. Ai parô, ai nessa época quando ele foi preso... a gente tava mais ou menos separado, ele tava com uma outra pessoa, outra menina e eu já tava com outro cara. Mas a gente ficava, ficava aquela... Ficava a maior bagunça, ele ficava com a menina e comigo e eu ficava com ele e com o cara. Ai ele foi preso e os meninos que vendiam pra ele ficavam me procurando. Ficavam nó:::: ajuda a levantar de novo, os meninos parecem que não tinham mente pra levantar o negócio eles parecem que tinha mente pra vender. Ai eu falei demorô, vão intão.

P: E por que eles te colocaram neste lugar? Por que eles te fizeram este convite?

J: Há uma proposta, he:::: uma proposta no caso, tipo assim, pra financiar por que eles também usavam droga eles derramavam então eles num tinham controle pra levantar o negócio, administrar o negócio deles era vender ficar na rua era só isso que eles sabiam fazer.

P: Mas você acha que eles podiam convidar uma outra pessoa? Ou não? Por que é você que eles convidam?

J: O:::: eles me chamaram por que sabia, por causa da convivência que a gente tinha, confiança essas coisas e por que achavam que eu podia arrumar dinheiro e levantar e pelo fato de eu ser... Na língua deles, a mulher do cara que era o patrão deles. Ai eu fui e, há, aceitei a proposta ai eu fui e peguei fiado.

P: ((falas misturadas))... Aceitou a proposta?

J: Olha, eu já tava acostumada um pouco em ter aquele dinheiro, por que eu não trabalhava eu não tinha onde arrumar dinheiro e nessa época eu devia ter já uns dezesseis anos. Eu queria ter as coisas eu tinha um corpinho já de adolescente, então eu queria.

P: Você tinha quantos anos?

J: Dezesseis anos. Ai eu fui e comecei, peguei droga fiada e coloquei eles pra vender, eram dois ou três eu não recordo exatamente. Ai eles começou a vender ai ia passando o dinheiro eu ia pagando, comprando e repondo e fui levantando aos poucos, de novo né! Ele saiu e a gente começou a se levantar. Ai muita coisa aconteceu.

P: Que muita coisa?

J: ... Ah começamos a ganhar dinheiro, eu comecei a visitar o:: ... meu antigo namorado na cadeia.

P: Você voltou a namorar com ele?

J: Há de certa forma eu voltei, só que eu ia visitar ele e falava não não eu to te visitando é só como amigo. E do lado de fora eu tinha esse, ficava com esse, ficava com outros. Cada dia eu tava com um. Ai depois eu comecei a terminar, mas continuei com outros relacionamentos fora.

P: Ele sabia que você estava vendendo? Estava namorando?

J: Sabia... sabia ai eu fui morar sozinha, ai eu me sustentava e sustentava ele dentro da cadeia por que a pessoa acha que ta preso e ta lá, o nível pro'cê sustentar a pessoa lá não é barato. É igual ou mais caro pro'cê que ta aqui na rua e por mais que eles tenham

comida e essas coisas lá, eles necessitam de outras coisas e pra que trabalha ai é assalariado é caro e essa vida na penitenciária também...

P: Tipo o que eles precisavam? ((ruído)) Que você fornecia ((dúvida))?

J: Olha quando cê tem dinheiro, independente do quê a pessoa precise você quer dar coisa boa. Por exemplo ele escutava radinho com esses fones que estraga sempre, pilha, pilha eu só comprava pilha original. Ai se eu mandasse o que? Duas pilhas originais já dava dez reais. Então assim se você for imaginar isso, as coisas que eu mandava eu mandava da marca melhor ((incompreensão)) de cento e cinqüenta eu mandava duas, e juntando isso tudo dava na faixa ... Ele tinha celular lá dentro... ai precisa de colocar crédito, tem um custo estas coisas é remédio, as vezes, nem sempre lá onde ele estava nem sempre tinha então a gente comprava e mandava. Ai fica um custo puxado, é, pra quem é assalariado fica! Pra que trabalha normal.

P: E o que que o envolvimento né, quando você assume a boca o que este trabalho lhe proporcionou? De prazer? De diversão?

J: Há... Por exemplo, eu andava de taxi pra cima e pra baixo eu tinha dinheiro pra pagar, por exemplo, teve uma vez ((ruídos)) ele veio ai chegou o carnaval! Ah vamo no carnaval? Vão! A gente morava em... Contagem, há vão lá em Esmeraldas vão? Vão! Chama o taxi ai, peguei um taxi de Contagem a Esmeraldas ficava caríssimo, e a gente ia. Ia pra boate, há chama um taxi aê! Foi isso que...se você ta na vida normal mau mau, ce passa mal tem condições de pagar um taxi ! Quanto mais pá lazer. Então são coisas que sobem na cabeça.

P: A diversão de vocês era boate? Tinha outro tipo de diversão?

J: Não, gostava de lugar assim... E de ficar ganhando dinheiro, a gente gostava mais de ganhar dinheiro do que, de sair. Tinha pessoa que num saia não, ficava só lá, chegava domingo ai a pessoa fazia assim, ah vão sair? Ah não vô não pode ir. A pessoa já pensava assim todo mundo vai sair pra passear, pra dar rolé eu vou ficar aqui. Eu vou ganhar mais que todo mundo. Ganhava, ganhava dinheiro e muitos pegava o seu dinheiro e ó, usava droga com o próprio dinheiro e ficava ali consumindo. Vendia crack e cheirava cocaína.

P: Você conseguiu comprar alguma de valor com este dinheiro do tráfico?

J: Olha, eu comprei... Um barraco... É que pra mim foi uma coisa maior.

P: Que era onde você morava?

J: Que era onde eu morava, por que assim eu num era assim, traficante grande, que tinha carro que tinha bens assim. Pra idade que eu tinha e pro nível que eu vivia já tava bom, por que se eu ganhava assim. Por que se uma pessoa ganhava assim na época uns quinhentos reais eu já tava ganhando uns dois mil. Então assim, era um dinheiro bom.

P: Tinha uma organização, assim do horário de trabalho? Do que você ia fazer naquele dia?

J: Não eu trabalhava... Eu trabalhava por conta própria. Eu comecei eu vender junto com os meninos né? Eles vendiam e eu também então tipo assim, eu ia à hora que eu queria, mas eu queria todo dia, porque era dinheiro que eu tava ganhando. Todo dia eu tava lá, todo dia, de segunda a segunda.

P: E este dinheiro você... Se mantinha né e mantinha esse luxo, quando você fala do taxi da diversão (...)

J: É quando a gente ia dar rolê, mas no dia a dia, eu num morava no mesmo... Eu morava em Contagem, mas eu não morava no mesmo bairro. É isso a condução era dois ônibus, ou seja, nada nada, era uns trezentos ou quatrocentos reais era só de passagem de ida e vinda todo dia. Mais o meu custo de vida, mais sustentar o menino na cadeia.

P: E sobrava dinheiro para mais alguma coisa?

J: Ah sobrava, olha eu melhorei meu barraco um pouco, comprei moveis novos e a vista.

P: Você tinha... ajudava a família?

J: Não! Ajudava não.

P: O dinheiro era para você e para ele?

J: Era, por que o gasto é alto.

P: Aham

((ruídos)) ((barulho externo/música cerca de 1 minuto))

P: E como era sua relação com sua família nesta época?

J: Minha família, mãe e pai lógico que não tava feliz, mas eu era filha deles e eles num iam ((ruídos/sobreposição de vozes)), **P:** Eles tinham conhecimento? **J:** embalar essas coisas assim...

P: Eles sabiam?

J: Tinha, tinham conhecimento, mas não tinham como impedir. Iam fazer o que?

P: Eles tentaram de alguma forma?

J: Há conversava, mas tinha jeito não. Eu não tinha jeito não. Não tinha como me dominar mais, eu não era uma criança pra eles me pegarem pelo braço, e vou te prender. Não tinha jeito.

P: E antes do seu envolvimento com o crime, como era a relação com a família?

J: Convivência?

P: É

J: Afeto?

P: É

J: Há eu que a gente sempre foi pobre, então quando cê ta pobre... se ocê é pobre a situação já não é muito boa, então cê quer ter as coisas.

P: Pobre é o que? Faltava comida?

J: Pobre assim, não, não faltava comida. Tipo assim passar fome é cê num ter nem arroz e feijão, tinha comida, mas não tinha coisas que são normais, que a pessoa tem que ter. Num tinha, por exemplo: um leite, um iogurte num era coisa que a gente tomava. Tomava assim, por exemplo, no supermercado no dia de comprar uma bandeja, eram quatro irmãos, uma bandeja de iogurte era bom demais. Ai comia no primeiro dia e não tinha mais nada era só arroz e feijão. Então assim ...

P: Você tinha alguma diversão, nesta época, com seus irmãos?

J: Ah a gente brincava na rua, coisas que não precisam de brinquedo: pega-pega, esconde-esconde só assim por que brinquedo num tinha também.

P: E com seus pais, como que era a relação de afeto? Você ia responder e eu te interrompi.

J: Ah! Afeto... Ah num era muito aquela... hum... quando...quando cê, quando cê num ... Quando a vida assim não é boa, tudo fica ruim, tudo piora na verdade, por que o meu pai vivia trabalhando pra tentar colocar o básico. As vezes minha mãe ia no supermercado queria comprar uma coisa num podia, ficava chateada, a gente queria as coisa e num podia ter. E:: ela tentou fazer o papel dela, o que ela podia, mandar a gente pra escola, a gente num queria ir também, menino num gosta de ir pra escola. Ai assim, às vezes a mãe ela tenta fazer o que ela tem de fazer e o filho não quer, apanha e fica aquela convivência meio assim: Ah me bate, não gosta de mim! Essas coisas assim, coisas normal de... de família de mesmo.

P: E Tinha alguém de sua família algum tia/tio, avô/avó, primo/prima, alguém que foi significativo na sua vida?

J: Ninguém! Importante? Ninguém.

P: Quem que você convivia mais eram seus três irmãos, seu pai e sua mãe?

J: É

P: Se você tivesse que avaliar isto hoje, a estrutura familiar que você tinha, você avalia como? Era legal? Era difícil?

J: Não, foi difícil, foi difícil por que a gente num...vivia, entre aspas, dependendo de outras pessoas. Num podia ter uma roupa nova, era só ganhado, sempre ganhava. Se num ganhasse não tinha nada.

P: Seu pai trabalhava?

J: Meu pai trabalhava minha mãe não.

P: Seu pai trabalhava com o que?

J: Ah meu pai já trabalhou de faxineiro e jardineiro que ele trabalhava quatro filhos ((ruídos)) a despesa era alta.

P: Você acha que esta situação familiar interferiu de alguma forma, pra você se envolver com o crime? Essa dificuldade financeira?

J: Eu não acho, eu tenho certeza que sim! Por que ... eu posso dizer que eu encontrei esse menino e comecei a conviver com ele e ai entrei, foi assim que aconteceu, mas antes disto eu já estava procurando trabalho e não encontrava ... Não encontrava, ai tinha um homem que vendia droga na rua de casa. Ai eu fui e cheguei nele e falei assim: Você num ta precisando de ninguém pra vender droga pro'cê não? Ou seja, antes de conhecer o meu ex, eu já tava procurando uma maneira de ganhar dinheiro. Como eu não consegui trabalhando eu procurei outras maneiras, ai ele foi e me falou assim ... nisso quem foi procurar foi eu e um colega meu que ele era assim ... gay. Ele foi e falou assim: Ó::: eu num to precisando de ninguém pra vender droga não, e no caso dele num tem jeito não! Mas no seu, se ocê quiser eu posso arrumar uma outra coisa procê. Ai eu falei é o que? Ai ele falou que era se prostituir. Ai eu falei há não, isso ai eu não quero

não. Ai o tempo foi passando e passou mais um tempo e eu conheci esse menino e comecei a me envolver com ele e...

P: Por que você não quis?

J: Eu tinha... Eu ainda era nova, eu ainda era virgem:::. Num tinha fundamento aquilo, agora se eu não fosse virgem, talvez, tivesse pegado um pegado outro, ai talvez nem faria diferença, talvez. Entendeu?

P: Então, sua motivação maior para entrar no crime foi ((interrupção da entrevistada))

J: ((resposta)) Foi o dinheiro,

P: Foi esta dificuldade financeira?

J: De entrar foi, de permanecer não.

P: De permanecer foi qual?

J: Não, num foi qual, de permanecer não, por que, eu entrei pelo dinheiro, mas na época que eu já tava ali, inserida ali no crime eu tivesse uma oportunidade de emprego eu já não queria mais.

P: Na época em que você procurava emprego, você procurava em que área?

J: Há só supermercado, padaria e loja.

P: Comércio né?

J: É comércio, só isso.

P: E era nisso que você tinha vontade de trabalhar?

J: Era, eu não tinha vontade de trabalhar com nada não, eu só queria era ganhar meu dinheiro. Só queria dinheiro, pra ter as coisas, comprar uma roupa, ter um celular.

P: Nesta época você estudava?

J: Estudava.

P: Estudava em qual série?

J: ... Sétima ou oitava, mais ou menos.

P: E como era na escola?

J: Há eu ia na escola, não aprendia nada ... ficava lá quieta e num aprendia nada também, sentava na frente e num aprendia nada também.

P: Porque não aprendia?

J: Há eu acho que eu sempre tive uma dificuldade de aprendizado, inclusive é::: a minha dificuldade motivou afastar da escola, foi mais dificuldade de aprender do que o crime. ... Eu desistir por que eu achava que as coisas num entravam na minha cabeça ai eu desisti.

P: Você conversou isto na escola em algum momento? Ou alguma professora percebeu isso e conversou com você?

J: Há que eu me lembre, nunca.

P: Quando você percebeu esta dificuldade em aprender você não conversou com ninguém?

J: ((sem resposta))

P: Não tinha uma professora pra você conversar sobre isso?

J: Há se você, eu acho que eu já falava: Há num tô conseguindo entender, os professores só falavam assim: Tem que prestar atenção! Eles são preocupados em ensinar pra ir pra frente com a lista ((ruído, palavra não entendida claramente)) ele tá fazendo o papel dele, o que importa é a maioria. E tudo na vida é assim o importante é a maioria a minoria não importa.

P: Isso é triste, não é?

J: Mas é fato, a maioria que importa!

P: E nessa época tinha conselho ((?)) Você, você, sempre foi criada no mesmo bairro?

J: A vida inteira.

P: É? E nesse bairro tinha algum tipo de diversão?

J: Não, só tinha a rua.

P: Tinha, por exemplo, algum show? Alguém de vez em quando ia lá pra fazer alguma atividade pras crianças?

J: Não, uma vez na vida outra na morte tinha aquele negócio de rua de lazer né. Por que era dia das crianças estes negócios assim. No mais não tinha nada não.

P: Era bom?

J: Há era bom, criança gosta NE ((risos contidos)).

P: Dava pra divertir então?

J: Quando tinha dava.

P: Quando não tinha, dava pra se divertir com outras coisas?

J: Há a gente brincava na rua, ficava brincando de casinha, pegava coberta, lençol e forrava no passeio de casa assim, aí juntava ... Espalhava os brinquedos os negócios, ficava brincando de casinha... Bola. O pessoal gostava de ficar na rua.

P: Na sua comunidade, na comunidade em que você morava tinha posto de saúde, tinha escola, tinha hospital? O que, que tinha lá?

J: Posto de saúde, escola, hospital era mais distante.

P: Mas, vocês acessavam? Quando precisavam era lá que vocês iam? Ou tinha que ir a algum lugar distante?

J: Não, tinha a policrínica (sic) né, quando passava mal acessava aquele lugar ali mesmo.

P: E tinham muitos jovens?

J: Na comunidade lá?

P: E todos se divertiam da mesma forma que você?

J: A maioria...

P: O que você pensa da vida hoje, hein?

J: Hoje?

P: Disso tudo que aconteceu de sua história de vida?

J: Hoje, eu penso outras fontes pra minha vida. Hoje eu penso em planejamento em planejar as coisas, principalmente... Eu tiro base da vida que eu vivi e não quero... Igual

minha mãe, minha mãe teve quatro filhos, tem muitas meninas da minha idade, uma boa parte já tem filho. Igual tem pessoas que convivem perto de mim, da mesma idade tem três filhos e eu não tenho nenhum e é assim que eu quero continuar por um bom tempo ((interrupção entrevistadora))

P: Você tem vinte e dois anos, né?

J: Tenho vinte e dois! E eu quero planejar, que eu acho que o planejamento familiar faz muita diferença. No futuro da pessoa.

P: E como você pensa a questão financeira hoje? Por que você disse que foi o grande motivador né? Teve uma necessidade financeira na infância, aí na adolescência você se envolveu com o crime para conseguir o dinheiro, pra conseguir ter acesso né, á algumas coisas de diversão né? Como... Qual é o valor do dinheiro, hoje pra você?

J: Olha continua sendo muito importante, mas de uma maneira diferente, é::: a gente, a gente precisa de dinheiro pra viver, pra se vestir, pra ter lazer, pro'cê se alimentar pro'cê sobreviver. Até pro'cê se manter limpo você precisa de dinheiro e só que eu não quero ... Excesso de dinheiro eu quero o que eu preciso eu quero o básico. Antigamente ((interrupção entrevistadora)) eu era uma ganância.

P: ((fala da interrupção)) O que é o básico?

J: Há... O básico há dois tênis pra mim é o suficiente eu não quero cinco tênis, dez tênis. Tem pessoas que querem. O básico é o que eu preciso de verdade.

P: Qual foi a maior lição que você teve nesta sua história de vida? Neste seu envolvimento? O que você tirou como aprendizado?

J: Nunca é tarde para recomeçar.

P: Você ficou quanto tempo trabalhando no tráfico?

J: Olha no tráfico eu fiquei dos dezesseis aos dezenove anos... Três anos, sozinha, três anos, mas eu fiquei dois anos com meu namorado... Meu ex, aí ele foi preso eu fiquei um ano sozinha. Um mês e pouco fui presa, por que num tem como você durar muito pelo tipo de mercadoria que eu vendia que era o crack, a pedra. O tipo de cliente é a aparência chama muita atenção e a polícia passa, ela sabe que... E eles agromera (sic), tão nem aí. Aí cê tá ali cheirosinha, aí do nada umas sete pessoas de aparência estranha do seu lado, atrás docê pra cima e pra baixo. A polícia sabe que você tá vendendo, agora outras drogas já é mais fácil de não ser reconhecido.

P: Você acha que tem alguma vantagem no envolvimento com o crime?

J: Vantagem? Nenhuma, na hora, na verdade você fica lindinho achando que é bom. Na verdade, hoje eu não vejo vantagem, mas antes eu gostava, eu comecei a gostar. Por que você fica popular, todo mundo te conhece te trata bem.

P: Você acha que este tratamento é por quê? É pelo medo que você falou antes?

J: Há pela fama que você tem, medo, tudo, muita coisa influência.

P: E como que é essa relação com sua família hoje? Como que tá esta situação toda?

J: Bem melhor do que antes!

P: Vocês têm um convívio próximo?

J: Não a gente não mora na mesma cidade, mas pelo menos uma vez no mês eu tenho... É, eu vou na casa da minha mãe, e minha família tá feliz em saber que eu mudei e me apóia.

P: Eles estão no mesmo bairro que sempre moraram? Você que mudou?

J: Eu que mudei.

P: Por que você se mudou?

J: Há, eu, primeiro lugar eu queria mudar de vida e surgiu a oportunidade né! Apareceu uma pessoa, bacana, melhor que as que eu envolvia normalmente aí eu tive esta oportunidade de sair daquela cidade, e pra mim foi bom. Por que lá querendo ou não, eu não queria me envolver, mas eu podia me envolver. Eu tinha saído, eu não tava mexendo mais, mas eu tava começando andar com quem mexia e pros polícia num faz diferença não, se você mexe ou se você anda com quem mexe.

P: Você acha que correu o risco de você se envolver novamente?

J: Sim! Já tava meio, tava pouco próximo aí essa pessoa apareceu na minha vida e mudou a situação.

P: O que você acha que faz uma pessoa sair do crime?

J: Sair do crime? A pessoa tem que querer. Aliás, depende da situação de cada pessoa, no meu caso e no caso de algumas pessoas, além de você querer tem que ter oportunidade de mudar. Igual eu traficava, tinha pessoas que roubava, aí a pessoa roubava porque ela era drogada ela usava droga, então como ela vai sair do crime se ela é drogada. Aí como ela vai parar de roubar se ela é viciada. Então, ela não tem controle da situação dela. No meu caso eu quis e tive uma oportunidade.

P: Agora o que você vê como oportunidade?

J: Trabalho.

P: O trabalho pode proporcionar o dinheiro para você se manter? ((interrupção feita pela entrevistada))

J: Manter e suprir minhas necessidades.

J: E no meu caso, deu pra mim mudar também, por que o meu nível no tráfico não era alto. Agora, por exemplo, tem pessoas que ganham muito mais dinheiro e quanto mais dinheiro a pessoa ganha, eu tenho certeza é mais difícil para ela sair. Igual esses traficantes mais famoso, alto mesmo, se o cara ganha... Ce tá na faixa de uns quarenta ano de idade... Aí o cara ganha na faixa de cinquenta mil, cem mil num mês, se sai do crime no máximo o cara não tem estudo não tem nada. No máximo que ele vai conseguir é um salário de mil e pouco, como que uma pessoa que tá acostumada a viver com cem mil vai viver com mil e pouco? A pessoa vai morrer no crime, mas ela num vai sair. Então assim cada caso é um caso, às vezes não basta você querer, tem uma coisa dentro de você que fala mais alto, às vezes é a ganância.

P: E no seu caso foi a ganância?

J: Que me fez...

P: Ficar?

J: Permanecer sim, entrar não, permanecer sim!

P: Entrar foi o dinheiro, que você disse né?

J: Entrar foi o dinheiro, foi à necessidade... A vontade de ter as coisas, rápido.

P: Se você tivesse dinheiro naquela época, você acha que não teria entrado?

J: Não teria, por que eu queria comprar um telefone, uma calça, uma roupa bonita. Por que eu ia pra escola com tênis horroroso de feio, velho, rasgado que eu tinha ganhado dos outros e outras pessoas elas chegavam na escola, aqueles tênis tudo... Sandália, aqueles tênis tudo da moda tinha menina da minha sala que tinha... Cada dia tava com um tênis diferente tinha vários tênis e eu num tinha nada. Eu tinha vontade de ter as coisas também um celular bonitinho na moda. Eu num tinha nada, queria ter as coisas também.

P: Mas a sua necessidade então, não era comida é não era necessidade de sustento. Era uma necessidade mais de vestimenta de moda?

J: Consumo, era!

P: As pessoas da sua escola tinham mais condições financeiras que você?

J: É meio que a mesma coisa, mas não é que elas tinham mais. Era eu que tinha menos (sic). Lógico que tinha outras pessoas como eu também. Família mal planejada desestruturada, né? Como se disse a pessoa pobre casou com outra. Um trabalho o outro trabalha. Arruma um monte de filho e só dá o básico, só da comida. O ser humano não quer só comer.

P: Quer o que?

J: Quer se vestir bem quer sair ver as coisas. Quer mais.

P: Hoje é isso que você quer?

J: Hoje eu quero só tranquilidade.

P: Você tem tranquilidade hoje?

J: Acho que eu tenho, eu quero mais. Eu só não quero arrumar problema pra minha vida, eu quero ter uma vida tranquila.

P: Quais são seus planos de vida?

J: Há, eu quero estudar ter profissão, ter um salário bom que possa suprir minhas necessidades.

P: Você parou de estudar? Você formou? Como é que ficou?

J: Não, quando eu tava no crime eu sai, fui presa lá dentro eu voltei estudei... Ai lá dentro eu fiz o primeiro ano do ensino médio, ai eu sai, ai fui morar em Ribeirão das Neves, tive uma dificuldade com escola fiquei um ano sem estudar. E este ano eu estou estudando o segundo ano do segundo grau, ensino médio.

P: Então falta mais um ano?

J: É, falta este ano e o outro.

P: E você pretende estudar mais? Você pretende fazer um curso técnico? O que você pretende?

J: Pretendo!

P: O que você pretende?

J: Ou um curso técnico ou uma faculdade.

P: Qual área você pretende estudar?

J: Olha a área exata eu não sei não! Mas, eu quero estudar a sociedade num sei se é assistente social num sei nem as opções que eu tenho, mas quero trabalhar com a sociedade.

P: O que você quer fazer pela sociedade?

J: Eu não quero fazer eu quero conhecer mais, ter mais conhecimento.

P: E com emprego, então você pensa em estudar sobre sociedade e trabalhar com isto também?

J: Pretendo.

P: Então é isso! Você tem mais alguma coisa pra me dizer? Alguma coisa que você ache que é importante da sua história que eu não perguntei?

J: Importante? Olha, o que você... Eu já falei um pouco disto, mas o que eu acho mais importante assim no meu é... Na vida do ser humano é o planejamento familiar isto é uma coisa muito importante, muito importante mesmo. Por que a partir do momento que você... Eu tenho mania de falar assim, que os problemas da gente, cem por cento, noventa por cento das coisas que acontecem na vida da gente a gente é que procura são consequências dos nossos atos. Então eu acho que a gente tem que pensar mais, principalmente em relação à família, sabe, se você, não que você planejar sua família se tiver um filho, dois, num quer dizer que eles não vão se envolver com coisa errada não! Todo mundo corre este risco, mas acho que as chances são menores.

P: Na sua família, mais alguém se envolveu com o crime?

J: Não, fui só eu, mas automaticamente a minha irmã caiu na cadeia por minha culpa! Por que ela, eu morava sozinha eu tinha meu barracão ai ela foi na primeira que eu tava presa ela ia levar objetos pessoais pra mim: xampu, calcinha. E ela foi lá no meu barracão, por que minha família não tinha situação financeira boa. Então se já tinha lá pra que ela ia gastar dinheiro pra comprar.

P: Aham, ela foi a sua casa buscar as coisas pra poder levar?

J: Ai ela levou, eu tinha um papel higiênico lá que ficava aberto, exatamente onde eu escondia droga. Ai minha irmã ela levou este papel higiênico, levou estes pertences pessoal, e lá na hora da revista da penitenciária pra entrar, ela tava junto com o namorado dela, ai eles abriu, por que eles revistam né? Revista tudo ai tinha droga dentro do papel higiênico. Ela e namorado dela foram presos na hora, como se estivessem tentando entrar com droga dentro da cadeia. Foi um acidente, mas quem é que vai acreditar.

P: Ela ficou presa?

J: Ficou!

P: Os dois ficaram presos?

J: Os dois ficaram ai minha irmã mais velha foi ((sem compreensão)) contratou um advogado particular. Ai ele foi, minha irmã ficou presa quinze dias ai ele foi e tirou ela de liberdade provisória. E eu tinha assinado mais um tráfico de droga, não tinha sido julgada de um eu com minha ficha que nem tinha saído, eu nem tinha entendido ainda que eu tava presa. E com uma semana eu já fui la em cima na delegacia pra assinar outro, o segundo tráfico de droga.

P: Que foi esse da irmã?

J: É. Que ela tentou entrar, se ela tentou entrar era pra mim e eu tinha consciência disso, segundo eles.

P: Então você foi acusada duas vezes?

J: Duas vezes, uma em flagrante (sic) e outro por associação livre. Ai ela também foi presa e com quinze dias o advogado tirou ela de liberdade provisória. E o namorado dela ficou dois meses. E eu continuei ai dentro da penitenciária, eu fui com mais ou menos uns sete meses eu recebi um alvará de soltura só que ele tava impedido, era o primeiro né, do primeiro crime, eu recebi o alvará, só que como eu tinha outro crime, ele foi impedido e eu continuei lá. Ai o tempo foi passando ai fui julgada há cinco anos. Ai fui apelar da cadeia e ai passou um ano e oito meses ai eu cumpri um e três ou um ano e dois meses no fechado e o resto nos outros procedimentos. Ai quando eu sai, eu fui pra outro julgamento, o julgamento do segundo tráfico, ai graças a deus a gente foi absolvida né! Mas o promotor olhou pra cara da minha irmã e falou assim: “É desta vez, foi na trave, mas da próxima vez, você não vai passar batido não. Por que essa história sua não tem como acreditar.”

P: Isto afetou a relação com sua irmã?

J: Não, não afetou ela foi presa, ela saiu, ela foi me visitar ela continuo a me visitar e falou que no que ela pudesse me ajudar ela ia continuar me ajudando.

P: Mais alguém te visitava?

J: Minha mãe, engraçado que no passado eu, já tratei ela tão mal, eu tinha dinheiro, ela podia me pedir, um real ou cinquenta centavos, que eu: Pra que? Não vou dar não, eu era ruim. Já tinha ameaçado até de matar ela e às vezes as oportunidades que ela teve, ela me provou o contrário. Hoje o que eu posso fazer por ela, eu faço. Por isso assim que um pouco de planejamento familiar é importante, por que cê ta expondo outro ser, você ta colocando outro ser no mundo pra passar dificuldade.

P: Você tem vontade de ter filhos?

J: Muito pouca quase nenhuma.

P: Por quê?

J: Há eu tenho medo de... O nível de vida hoje não ta fácil, não ta barato.

P: Você tem medo de que? De não ter dinheiro?

J: Há eu tenho medo de ter o filho em si, né? Da dor do parto, destas coisas. E do cuidar também, da responsabilidade que é ter um filho, por que não é simplesmente colocou pra fora eu tenho filho e tal. Não eu tenho que trabalhar, eu tenho que sustentar eu tenho que educar, formar um filho e isto não é fácil.

P: Quando você diz que se relacionava com vários rapazes, na época em que seu ex-namorado ficou preso, você tinha uma vida sexual ativa com estes rapazes?

J: Ham, com frequência?

P: É você transava com eles?

J: Alguns.

P: E você pensava nisso, você se preservava?

J: Não, isto daí sempre, tá uma coisa que eu sempre me preocupei e tenho mania de falar. Se eu não tenho filho não foi por sorte ou por que Deus não quis, foi por que eu me cuidei. Eu sempre usei camisinha e até hoje eu uso. Isso é até uma pedrinha, um probleminha no meu relacionamento atual com a pessoa que eu estou hoje a dois anos, mais eu não confio em ninguém.

P: Ninguém?

J: Ninguém, em relação ao... Em relação a tudo, mas assim eu sei o que ele faz quando tá perto de mim, eu não sei o que ele faz quando não está. E eu prefiro me cuidar.

P: Você tem amigos hoje?

J: Ainda acho que não, eu não acredito em amizades ainda.

P: Mas você já acreditou?

J: Quando eu era mais nova sim, mas eu tive decepções que me fez... Não acreditar mais, coisas já desde criança.

P: Na época em que você estava envolvida com o crime você tinha amigos?

J: Tinha parceiros.

P: Qual é a diferença?

J: Amigo é uma pessoa que te ajuda e que você ajuda ela e que você desabafa com ela, conta coisas pessoais suas e confia nela, por que contar você conta uma coisa pra um, uma coisa pra outro, mas confiar... Eu posso mudar de idéia um dia, mas acho que o ser humano não é digno de confiança, eu acho que não! Eu posso contar uma coisa pra uma pessoa achando, querendo que ela não conte pra outra, mas eu sei se isto vai acontecer.

P: Entendi! Você quer falar mais alguma coisa?

J: Não eu acho que é só isso mesmo.

P: Obrigada viu!

2º Entrevista

Legendas:

Pesquisadora = P

Jovem Entrevistada = J

A= Nome entrevistada

P: Então A, eu gostaria de saber um pouco como aconteceu seu envolvimento com a criminalidade. Eu queria que você me contasse um pouco da sua história.

J: Então, eu acho que aconteceu assim, por que, eu era muito rebelde, eu cresci sem pai, meu pai faleceu lá no Rio de Janeiro a trabalho, e pelo que a gente cresceu, eu e meu irmão cresceu escutando que ele também era envolvido, que ele fumava maconha, na época não tinha essas drogas tão pesadas, mas ele fumava maconha, cigarro, bebida e batia na minha mãe. Mesmo sendo assim eu não concordava com as atitudes da minha mãe. Ela levava namorado pra dentro de casa, bebia. Então foi assim que eu comecei a beber escondido.

P: Quantos anos você tinha?

J: Eu tinha nove anos de idade, eu levava o lanche pra escola e no lanche tinha bebida, tinha pinga era suco de laranja com pinga eu ficava no fundo da sala de aula, ficava tonta e brigava com os meninos depois com quatorze... Não de doze a quatorze anos eu comecei a fumar muito, na roça, quando eu passei umas férias com minha avó e lá comecei a fumar escondido também e voltando pra casa o que acontece é:: eu achava que minha mãe tinha um pouco... Pode ser coisa da minha cabeça, igual já conversei com psicólogo, não tenho certeza se é real o fato, se realmente aconteceu ou se não aconteceu. Mas, que algumas partes de nossa vida eu e minha irmã e minha também e o namorado. E dentro do quarto aconteciam coisas, tipo tráfico não que ela tava usando, mas o namorado dela tava usando, chegou de acontecer de dois, três homens dentro do mesmo quarto usando drogas. E aquilo ali eu fiquei muito revoltada ai eu falei, há se ela, eu não podia brigar com ela, bater nela por que ela me batia muito e não batia na minha irmã, me batia muito, muito.

P: Por que você acha que era diferente?

J: Eu acho porque a minha irmã é de pai diferente, ela tava com meu pai obrigada, e ela gostava do pai da minha irmã, entendeu? Depois que ela foi... Minha irmã é mais nova, depois que ela foi ter um envolvimento com o pai da minha irmã e teve a minha irmã. Então eu tenho certeza que é diferente, por ela ser caçula e por causa do pai dela também e ai fiquei assim chateada, ai eu fui morar com minha tia, ai a turma tava fumando maconha... ((barulho, interrupção)), ((outra pessoa entra no recinto e a entrevistadora a cumprimenta)).

((retomada do diálogo)) (...) Ai uma turma de colegas meus de escola militar tava fumando maconha, ai eles me chamou pra eu ir. Ai eu fui fumando aquilo, dei uns tragos com eles ai quando eu to voltando pra casa minha irmã tava tomando banho ai eu entrei dentro do banheiro, eu tinha quatorze anos, entrei dentro do banheiro passando mal, minha irmã ficou com medo de mim, ela ficou com medo e falou que ia chamar minha mãe, eu falei com ela que se ela chamasse minha mãe eu ia matar ela. E ai eu tomei banho e passou, mas ai depois... Eu fiquei bastante tempo, não gostei da maconha, não gostei. Toda vez que eu tentei fumar eu passei muito mal mesmo, meu negócio quando era adolescente era mais era bebida e o cigarro mesmo. Eu achava muito lindo era de ficar no meio dos moleques, fumando com a unha grande... E com o copo de bebida na mão.

P: E quem você via fumar com a unha grande?

J: Minha tia, que veio de São Paulo, então, eu achava muito lindo. Era bonita, então eu achava muito lindo aquilo, ela e aquele batonzão vermelho e unha vermelha ela tinha um cabelo. O meu cabelo era toin oin oin, né, ela tinha um cabelo alisado que o cabelo dela era... Também era ruinzinho ela alisou o meu cabelo. Ai começou né, eu queria ficar cada vez mais parecida com ela, comecei a beber e fumar, mais ainda do que eu já fumava, a maconha nunca foi meu interesse ai não sei como que aconteceu que eu comecei a usar o Crack, que eu acho que é a pior droga que tem pra se viciar, não gostei. Não gostei por que até também por que eu acho que pra mim toda vez que eu tentava cheirar ai eu esparramava invés de expirar né... De aspirar eu expirava, jogava tudo pra fora, então eles ficava me zuando e tudo ai não tinha nem graça pra mim eles ficava doidão e eu não. Então o que me deixou doidona mesmo foi o Crack, cheguei a fica viciada mesmo, como se diz eu sou viciada por que não tem cura eu to limpa tem dois anos, mas o vicio não sai da gente.

P: Você sente vontade?

J: Olha um tempo atrás eu senti vontade eu acho que até mesmo pelas coisas que eu tava passando, né, por que eu tinha saído do presídio, eu não tava conseguindo emprego, depois eu consegui emprego. Ai eu falei assim não, se eu aguentei até hoje eu vou ficar mais um tempo, fui pra um restaurante trabalhei lá ai eu tive que sair do restaurante por que... A minha mãe me ajudou muito quando eu tava no presídio olhou todos os meus meninos pra mim, não...Ninguém, ninguém, não teve a ajuda de ninguém a não ser a dela, da minha irmã e de Deus, esses três, mas ninguém ajudou por parte do pai delas, ninguém deu nem um litro de leite, uma fralda. Eu tinha duas crianças, precisava muito de leite e a ((nome da filha)) doente, muito doente mesmo o ((outro filho)) também estava doente, precisando de psicólogo ai quando eu sai ela falou assim, eu vou te passar a sua responsabilidade, eu fiquei com suas filhas. Eu fiquei aqui na casa dela quinze dias, no quinto dia ela falou agora eu quero que você saia. Você pegou... É você teve seus filhos, você escolheu sua vida, você escolheu o pai deles então cê sai. Fui pro aluguel, que é essa casa do lado, e::: ai eu fui trabalhar nesse restaurante e comecei a me virar, mas ai vem as cobranças demais, tanto dos meninos que na casa da minha mãe tinha de tudo. Entendeu? E eu, antes de ser presa eu também tinha de tudo, minha realidade era totalmente diferente, morava numa casa imensa, tinha carro, tinha muito dinheiro, tinha de tudo um pouco, e quando eu voltei eu falei assim, não tenho mais nada. Ai veio cobrança dos meninos, eu não tinha uma cama pra eles dormi direito, eu não tinha uma comida gostosa pra eles comerem nem um iogurte ou uma fruta e meu salárinho não tava dando pra pagar aluguel e manter tudo e mandar comida pro ((nome do marido)) no presídio. Até mesmo por que lá no, ele ficou no presídio de Vespasiano, então por que estes presídios menor tem celular, tem como controlar a gente aqui fora de dentro de presídio. Então a cobrança dele tava muito grande, tinha três meses que eu tinha saído e ainda não tinha ido visitar ele.

P: Ele te ligava cobrando?

J: Cobrando, a família me cobrando, todo mundo me cobrando, então acabou que eu entrei meio em desespero e sai desse restaurante que eu tava trabalhando. Ai começou a bater depressão de novo àquela angústia e por um momento um momento eu fui ficando doida pra... Duas, três vezes assim eu cheguei a usar de novo, entendeu? E eu vi que aquilo ali não ia ter futuro se eu me entregasse igual da outra vez eu tava, eu ia estar morta e meus filhos novamente iam precisar mais ainda da ajuda dos outros, ai pensei e falei chega! Eu mesma falei chega, cheguei a procurar o Caps ((Centro de atenção psicossocial)) e falei não agüento mais, por favor, me ajude pelo amor de Deus me ajude.

Nesse momento o Ronaldo foi muito importante pra mim, por que ele foi, ele foi um pouquinho de pai pra mim, sabe? Ele não brigou comigo, não me discriminou, igual mesmo um tanto de gente, até dentro do Caps me discriminava e ele falou, vou passar você pro CapsAd (centro de atenção psicossocial álcool e drogas) por que seu caso agora já é álcool e droga, eu não vou poder aceitar você aqui e tal, mas eu vou estar te acompanhando e tudo. Mas ai eu fui pro Caps, não voltei mais, consegui ficar limpa e estou limpa até hoje graças a Deus. E eu assim às vezes eu gostaria de saber, por que eu me envolvi com o Crack, sabe? Por que é uma droga muito pesada e leva totalmente a destruição, por que eu não tava indo bem não tava, é muito triste, por que quando eu conseguia é ter essa porqueira na minha mão, ((fala muito baixa, quase inaudível)) por que os meninos não tinha leite pra beber, entendeu? Por que eu conseguia comprar isso e não conseguia comprar um leite pra minha família, compra uma carne boa, uma

verdura pra mim fazer. Então gostaria de saber essa resposta, como que eu cheguei até isso, né?

P: Quando você usou a primeira vez você tinha quantos anos?

J: O Naiane, a primeira vez... Sinceramente eu acho que tinha... Como eu tomava muito remédio pra cabeça, aí eu não sei se foi aqui no Morro Alto ou se foi na Lagoinha, mas eu acho que foi aqui com os pais dos meus meninos, que eu lembro assim que ele usava, e na época ele era o traficante e chegou isso nessa época, ele usava. Por exemplo, é igual pó, só traficante que usa, que tem a mesa cheia de pó, na época o Crack era desse jeito só os traficantes que usavam.

P: Como é que começou a relação com esse marido?

J: Então, eu sou meio assim eu sou meia louca, todo mundo vai achar que eu sou louca, foi assim, com nove anos de idade eu já era perdida já. Era assim minha cabeça era à frente do que minha mãe tinha pra mim, pros meninos dessa idade. Nove anos de idade eu me apaixonei pelo irmão mais velho dele, é paixão de escolinha de menininho mesmo, então, aí quando eu tinha 10 pra 11 anos esse irmão dele era bem mais velho, ele tinha namorada e eu vi os dois juntos, aquilo foi uma decepção amorosa eu até tentei pular da laje, que minha mãe tava construindo. Morri, morri cabô pra mim, aí a gente parou de dar beijin por que antigamente era só beijin. Com treze anos como eu era muito sapeca e minha mãe autorizou a namorar dentro de casa, e com ele, aí namorei dois meses só, por que eu queria era só vingar dele, entendeu? Desse irmão mais velho dele e namorei com esse outro rapaz também era envolvido com malandros também na época de pivete.

P: Também, por quê? Esse irmão dele também era envolvido?

J: Não, mas, era preguiçoso entendeu? Aí eu envolvi com esse outro lá da ((diz o nome da rua)), e matava aula na casa dele e tudo. Eu queria namorar com ele dentro de casa na verdade e minha mãe não quis deixar, aí meio que eles arrumaram um namorado pra mim né! Por que ele morava de aluguel na casa que eu tava morando, do lado com o irmão dele e a cunhada e o irmão e ele era trabalhador. Ele tinha trinta e sete anos e eu tinha quinze, entendeu? Então assim era uma pessoa responsável, cabeça, que não ia fazer besteira digamos assim né, mas pelo contrário.

P: O que seria uma besteira?

J: Eu acho que na cabeça da minha mãe e da minha tia na época era arrumar barriga entendeu? Que elas falavam pra eu estudar mesmo me formar. Mas pelo contrário, certo dia eu tava com tanta raiva, mas tanta raiva que ele tinha colocado chifre ni mim. Um certo dia eu falei com ele assim olha é hoje ou nunca, e tirei a roupa e fiquei pelada perto dele, ele falou: assim não pode! Aí eu falei então some daqui, aí aconteceu. Depois que aconteceu nós dois ficou de mal, não teve coisa mais. Minha mãe viajou e eu não tive contato com ele mais, terminei com ele. Mas minha mãe não podia saber então eu fingia, que nós tava namorando ainda. Até que...

P: Foi com ele que você perdeu sua virgindade?

J: Isso acontece que nesse dia eu engravidei::: Aí minha mãe descobriu, eu já tava de três pra quatro meses eu apanhei demais, de cinto. Eu mais minha irmã brigamos de luta mesmo, minha irmã não sabia que eu tava grávida e deu muito chute na barriga e depois aí depois disso minha mãe chegou me deu um coró e me levou no médico eu tava perdendo, tive que ficar internada pra segurar, mas, não segurou ele nasceu de sete

meses, nasceu prematuro e:: não aguentei que era um parto cesariana eles cortaram fizeram um corte em mim eu fiquei toda rebentada ele teve, ((ininteligível)) ai ele falecer.

P: E tinha quantos anos?

J: Ele tinha nove meses de vida!

P: E você?

J: Eu tinha quinze anos quando ele faleceu, não dezesseis anos. E depois que ele faleceu eu falei não tem sentido né? Que eu voltei pro pai dele, não tem sentido ficar com alguém ((ininteligível)) sendo que eu estou com ele só por causa da criança. Ai o V ((nome do rapaz)) foi embora e eu fiquei mais louca do já era. Ele foi embora de baixo de chuva, eu coloquei as roupas dele num saco preto de lixo e ele foi embora e depois que ele foi embora eu assim eu senti muita raiva, na hora àquela hora assim eu não senti baque não, sabe? Eu não fiquei triste, eu não lembro se na hora eu fiquei triste ou fiquei feliz, eu não senti baque não, eu senti depois, bem depois. E quando eu fui sentir o baque eu não aceitava ninguém me dá conselho, ninguém falar tadinha, por que eu acho que eu senti culpa da morte desse menino. Na época eu não senti não, mas depois eu fui ver que realmente a culpa era minha. Eu era muito criança na época que eu arrumei é verdade, se eu arrumei eu tinha que dar conta eu num tive apoio de ninguém, pra ajudar a troca, a me ensinar a trocar fralda sozinha, minha tia veio umas duas vezes olhar o umbigo dele pra mim, e eu curei o umbigo dele sozinha. Então depois eu acho que a culpa dessa criança ter morrido ficou muito grande pra mim por que acho que a culpa que ele morreu ali mesmo. Desculpa viu Naiane ((emocionada)) A culpa dele ter falecido é minha!

P: Mas na época será que você tinha condição de dar assistência pra essa criança?

J: Então, por que eu consegui dar para os outros, né?

P: Mas isso foi em outra fase né ou não? Logo em seguida?

J: Não, foi depois de três anos.

P: Mas em três anos, talvez você tenha amadurecido sua atitude para cuidar de crianças não?

J: Não ((ininteligível)) eu fui embora eu fui morar na rua... Sabe a lagoa aqui embaixo? Eu morei lá três dias. E ninguém me mandou embora não! Na época, ninguém me mandou embora, eu era muito criança ainda eu morava com minha mãe eu fui e decidi sair. Sabe? Eu saía na quarta, quinta, sexta, sábado e domingo. Só voltava na segunda, acho que minha cabeça na época era o seguinte: Eu já sou mulher, já tive filho e já fui casada e tudo. Então ninguém manda em mim. E assim sai, fui pra rua ficava três dias na casa de uma colega e depois ia pra outra e eu ia pra casa de gente que eu nem nunca vi na vida. E acho que foi assim que eu conheci as drogas, eu tinha uma colega, uma conhecida minha que ela era traficante e o pai dela dela faleceu, ele tomou doze tiros e não morreu, morreu um tempo depois com problema de coração. Ai eu fui pra casa dela e fiquei lá! E foi lá que eu conheci essa porqueira sabe? Por que a gente ia pra casa dos maluco lá, no São Gabriel ((bairro de Belo Horizonte))...

J- Então eu acho que me envolvi até demais, porque eu passava a droga pro cara vender e eu ficava no bar, eu sou mulher né, hoje não é tanto, mas ainda passa batido.

P- O fato de ser mulher?

J- Isso, pra polícia entendeu? Passa batido demais.

P- Como se a mulher não se envolvesse com o tráfico de drogas?

J- Não, porque ele até sabe que ela se envolve, mas como o homem, homem polícia, fardado, não pode colocar a mulher na parede, para abordar e como nem todas as viaturas tem uma feminina fica mais difícil, e antigamente mais ainda, antigamente poucas femininas, na rua mesmo não tinha feminina, era difícil. Então sentava no barzinho e virava a noite, bebendo, num tava nem com vontade de beber mais, mas eu tava ali, bebendo só pra continuar o movimento, entendeu?

P- Como você percebe o envolvimento das meninas atualmente com o crime?

J- Como assim?

P- Você está me contando da sua história de vida não é? Da forma como você se envolveu?

J- Hum rum

P- Hoje o contexto é diferente. Ou não? Como elas se envolvem hoje?

J- É. Elas se envolvem é porque gostam, sinceramente. Olha, uma coisa incrível do mundo, eu vou falar pra você que eu não tô mentindo não, é malandro as novinha tá querendo, é um ex-presidiário, no::ssa mãe, até vende o cabaço, eu to falando sério! Vende não dá de presente né, da de presente, da de presente porque ele é malandro, tava preso, saiu da cadeia tem nome entendeu? Já teve! Gente eu fico muito triste porque essa garota, que ela precisou sair da escola, sabe? Minha irmã tava até conversando com ela, porque minha irmã se interessou demais pela história dela e tava conversando com ela.

Essa menina por causa do nome do cara, dos caras, porque tinha o cara né? O todo poderoso, e os braços dele, né, que sem eles, sem braço e sem perna não ia funcionar, então essa menina por causa de nome e por causa de colega também, ah mais ele é tal, ele é aquilo, ele é o cara, ele tem carro, tem, tem,tem tantas casas, tem tantos carros, tantas motos, tem muito dinheiro, nós vamos ficar as pampas, nós vamos ficar legal. “Então vamo embora”, essa menina transou com quatro caras, a primeira vez dela foi com quatro cara, você tá entendendo? Isso acabou com a vida dela, Quando, eu acho que quando ela acordou que tava um contando pro outro o que fez com ela sabe? Que jogou porra na cara dela, enquanto o outro fazia na boca e o outro fazia num sei na onde, ela teve que sair da escola, ela teve que mudar daqui, entendeu? Então ela ficou, porque? Só por causa do nome do cara? Ela perdeu o rumo da vida dela todinha só por causa do nome do cara. Então hoje em dia por causa do nome, porque dá status, as mulheres tão caindo matando.

P- Quando você fala basta ter um nome, esse nome é o que?

J- Nome do traficante!

P- A fama?

J- Isso, né, tipo aquele que é no momento.

“Oh fulano chegou”. Nossa as novinha ficava doida, é o nome dele entendeu, ah porque fulano fez nome, ah subiu, tem um monte de casa, um monte de mulher, e todas as mulheres dele e filho, todas recebem tanto por mês, ow, você vai acertar é na loto sô! Entendeu? Porque eu falo isso com você, isso é uma conversa dela, até mesmo porque quando eu saí do presídio, me senti mais só do que nunca, eu já me sinto sozinha. Eu tinha uma amiga que a minha irmã falava assim olha: você conta mais com ela do que comigo. Ela era loira eu era morena. O pensamento dela era o mesmo que o meu, gostava das mesmas coisas que eu, a gente namorava o mesmo cara, tipo tinha um namorado pras duas meninas, entendeu? Não de ir pra cama, mas de beijinho, isso aqui? Nós ficava mesmo. Nós cheiramos cola junto, nós fumamos maconha junto, sabe? Nós aprontou muito junto. Eu tinha uma amiga, eu perdi ela por causa do crack, por causa do crack eu perdi ela. Então assim, quando sai da cadeia eu ainda quis procurar ela, ela ainda morava aqui, hoje ela não mora, mudou daqui.

Nunca tive uma relação muito legal com a minha irmã, daí pra cá de quando eu sai do presídio que eu to tendo, minha mãe a gente nunca pôde contar com ela cem por cento, talvez uns 20 por cento, sogra eu nunca tive...6:45.((((tudo mudou, casou. Até uns 4, 5 anos atrás eu tinha umas tias que sai comigo, ia pras baladas, nós passava era uma semana fora, era uma aprontando uma cachaça de um lado e eu aprontando na cachaça do outro, mas elas casou sabe? E tudo foi me separando, deixando eu de lado, então não tinha ninguém. Aí eu num guento esse trem aqui, ficar dentro de casa olhando pras parede? Mas num vô mesmo.

Aí tem a menina, a Paula e quando meu filho faleceu ela ficou mamando em mim, eu olhei pra ela e falei: menina você tá grávida, e ela: num to, num to, num to. E eu falava: se você tiver, te dou um côro, mas eu fazia de conta que tava acreditando, e ficava aquele monte de menina como se não tivesse acontecido nada com ela, e ela não perdeu a pose de mocinha, tipo assim: ah não sabia, ah num sei o quê, foi uma vez só, mentira! Mas eu vou fazer de conta que eu to acreditando e eu ficava aquele monte de menina como se não tivesse acontecido nada com ela, e eu acolhida, quetinha, aqui, tipo um cachorrinho Caim, Caim, aí disse assim, ah não, vou pra lá. Aí um dia eu fui pro meio dessas meninas, tudo novinha, aí conversa vai, conversa vem, eu não conversava muito, deixava mais elas falar, porque eu ficava sem graça e aí de vez em quando elas falava assim: aê a perigosa chegou, e ficava chamando eu de perigosa e eu falei: perigosa não, tinha uma menina até novata, e eu falava perigosa não, conversava com ela e tudo e eu queria passar pra elas que a menina tem que andar prevenida, tipo num é que era ela não, mas tipo suposição: Paula arrumava o Silva pra Ana porque Silva era sensação e Ana era novinha e virgem e o Silva tava querendo pegar a Ana, entendeu? aí Paula falava, falava, falava na cabeça de Ana até convencer aí ela tava lá no barraco dela e ele mandava caixinha de bombom, mandava um brinquinho, mandava a outra colega que já ta na vida já levar ela no centro pra escolher uma roupa, uma sandália, então, quer dizer eu sou pobre, minha mãe é chata quer que eu estudo, eu num quero estudar. Porque? “Porque o fulano tem coisa boa pra me dá ele já me deu roupa, ele já me deu sandália, já mandou as meninas ajeitar pra eu cortar cabelo, fiz minha unha, olha eu nunca fiz progressiva no cabelo, fiz porque ele pagou, olha o brinco que fulano mandou pra mim e esse shortinho aqui como é que ficou? Acaba se envolvendo e se entregando totalmente entendeu? Hoje começa pelo fato da fama, porque eu quero ter meus 15 minutos com aquele famoso ali. Se hoje ele ta na fama vou pegar um rabo com ele, entendeu? O meu não foi dessa forma não sei se todos é, mas aqui é dessa forma.

P: A fama ou o dinheiro? Qual é o mais importante?

J: Os dois, um é companheiro do outro, um acompanha o outro, se tiver fama e so tem fama, não consegue pegar ninguém, não consegue. Porque num vai ter dinheiro pra levar a menina lá num motel bacana, num vai ter dinheiro pra pagar uma bebida pra ela, um suco que seja, num vai ter dinheiro pra dar presente.

P: Em algum momento foi isso o que te segurou?

J: Não, eu nunca precisei do dinheiro dele, ao contrário, ele que precisa do meu até hoje, se eu não trabalhar ia ser muito mais difícil do que já é. Quando eu não to trabalhando de carteira assinada, eu chego e me viro, faço cabelo, unha, faxina, olho menino, mas eu sempre tenho o meu dinheiro. Eu não consigo controlar ele, agora eu to até dando uma controlada; to fazendo uma poupança forçada que eu não queria fazer, é um título de capitalização. Então todo mês desconta aquele valor, então não tem como eu pegar, entendeu? Então to fazendo a poupança forçada. Eu sempre tive o meu, independente se ele tinha muito, porque ele pensa, quanto mais eu tenho, aí eu vou gastar mais ainda, entendeu? Antigamente era assim.

Porque o que eu sabia, a questão é essa: isso aqui tem um quilo e vale R\$100,00. Desse um quilo vou fazer R\$ 200,00 e desse R\$ 100,00, eu sei que tenho que pagar fulano porque por traz tem um maior ainda, entendeu? Dos R\$ 100,00 que vai sobrar, dez é do corre. Dez, vinte vai que perca. Se você tem R\$100 na mão você não tem nada. Aí tem um vaporzinho que ta ali vendendo pra você, ô ele perdeu, ô ele sumiu, ô ele vai entendeu? Aí desses cem vai sobrar só vinte. Desses vinte eu preciso de comer, no caso dele nunca precisou de comer não porque tem eu pra pôr o de comer, era pra arma, arma, arma e munição, arma, arma, arma e munição, entendeu? Por isso que teve uma vez que eu tava com tanta raiva dele que eu peguei cinco mil reais, peguei cinco mil reais e fui lá pro centro, tava num estado de depressão, a desculpe é a depressão né? (risos) e ele tava com amante. A amante dele pagava aluguel, nunca sobrava nada. Ah comprei um carro velho, carro velho. Eu queria sabe na época, ir lá na agencia comprar um carro zero que tinha um 8 anos de carteira, oxen porque num ia vender um carro pra mim? Entendeu? Eu financiava. Aí ele chegou com o carro velho, um colega dele tinha sido assassinado dentro do carro e me deu esse carro de presente. No:::ssa que raiva dele! Sabe porque? Porque tava com amante, aí me deu esse carro velho.

E a amante dele era quem fazia minha unha. Como eu tava uma pessoa muito trefada, porque eu tava trefada, trabalhando fora, eu num conto isso como vantagem não, eu tava trabalhando fora, eu tava trabalhando pra eles na boca de tesoureira, porque tava sumindo dinheiro e droga demais, então eu fui trabalhar pra eles, tava com minino pequeno ((incompreensão)), né que é a Y pequena, arrumava casa, fazia comida, roupa, tudo, então eu tava muito atrefada. E eu num ia pra cama com ele; a opção dele era arrumar outra mulher mesmo. O mais certo.

Só que a mulher dele da Bahia e tava pagando aluguel ainda e aquilo ali eu falei assim: opa! num é assim. Peraí, vamos lá. Eu já num tava morando ali mais naquela casa, ela num era assim, era dois cômodos e o banheiro, eu falei vô botar essa mulher aqui dentro. Mas você é louca? Porque que eu sou louca? Vai pegar a amante do cara e colocar dentro da casa dele? E eu falei: aqui eu to vendo. E eu falei com ela: vai fazer minha unha, fazer meu cabelo, pra num ter que gastar.

Como eu tava muito atrefada, e ele me apresentou ela, aí ela veio cá: ah, fulano mandou eu vim cá ver se você quer pintar sua unha e ela meio nervosa, ai eu falei, ta,

então ta bom, e eu fiz e perguntei: quem que vai pagar? Ah depois ele me paga. Mas eu não sabia que ele tava pagando com outra coisa né? Aí ela fez a primeira vez, a segunda vez, uma certa vez, eu acho que sou meia louca, meia retardada, eu tava tirando umas fotos no celular, e tirei foto dele dormindo assim, eu mais os meninos, de zoeira mesmo, aquela época a gente fazia muita bagunça, quem não conseguisse ficar acordado a gente tirava foto e mostrava pros outro, tinha foto dele pelado, e teve uma foto que eu tirei so o pé e aí ela disse mas eu conheço esse pé. Mas como é que você conhece a pessoa pelo Pé?:: ai eu perguntei ela disse: eu sou manicure. Eu falei: Então tá. Beleza. Aí eu falei você é namorada dele, e ela: num sou namorada dele não, e eu falei é namorada dele sim. Num sou não, eu falei: eu vou quebrar sua cara. E ela fazendo minha unha ta? Ela fazendo minha unha e eu conversando com ela assim, como se tivesse conversando com você, vou quebrar sua cara. E com eles acha que sou o bobo da corte, porque? Porque tudo o que eu falo, ninguém leva muito a sério, eles acha que eu to falando brincando, sabe? Acho que é de tanto eu fazer palhaçada, eu posso ta séria, nervosa, que eles começa a rir, até meus meninos. Eles acha que eu to de brincadeira.

E ela acabou minha unha eu falei; ah, então ta. Olha, a partir de hoje você num paga aluguel mais, você vai morar na casa dele, isso uns 3 a 4 meses depois, vai olhar meus filhos pra mim trabalhar que eu num vou pagar ninguém pra olhar meus filhos, você vai lavar minha roupa. Você vai lavar minha roupa, arrumar minha casa, fazer minha unha. Isso era umas 9:30 da manhã, você vai pegar essa menina aqui ((risos)) ela gosta de comer batata com arroz amassado e eu fui conversando com ela pra ela arrumar minha casa, lavar minha roupa, só minha comida que você não vai fazer. Porque? Porque você pode pôr veneno pra eu morrer ou envenenar meus filhos, o resto você vai fazer tudo. O almoço dela é onze horas, papinha amassada e não pode ta muito quente. Como ta muit calor, ela ta se coçando, e se ele chegar aqui muito vermelha, eu vou te dá nocê ((risos)), quebrar sua cara.

Aí deixei ela, eu peguei 5 mil fui lá no centro e comprei um m:::onte de roupa, eu era tirada a crente, eu comprei um m:::onte de saia, fui lá::: na Savassi, eu num sei de onde eu tirei isso da cabeça, comprei umas sandálias carrérimas, que eu nunca usei, umas saias que eu comprei no Barro Preto ((Pólo da Moda de Belo Horizonte)), tem duas aí em casa ainda delas, comprei um monte de roupa pra todo mundo que eu lembrei, sabe? Gastei tudo. Ai deixa eu falar procê: aqueles cem aqui que eu peguei que tinha que fazer duzentos, eu num posso gastar esses duzentos não. E eu peguei esse 5 mil, mas esse cinco mil fez tanta falta pra mim! Porque aí aparecia uns grandão tudo na porta querendo o dinheiro querendo os cem, e os cem já foi, entendeu? Era eu que fazia as conta eu sabia que tava faltando.

P- E o movimento não produzia um dinheiro?

J- As arma não deixava.

P- Na verdade então, vocês nunca conseguiram ter um conforto, ter muito dinheiro?

J- Nada. Pelo dinheiro que a gente tinha dava pra ter casa própria, num era pra ta dependendo de ninguém né? E, mesmo tendo passado esse tempo todo na cadeia, era pra ter. O pouco que eu tinha os policia levou, do que eu trabalhava eles levaram, entendeu? E ta no processo como fruto da droga, nunca mais eu avistei ele.

P- Quanto foi?

J- No total que eles levaram foi uns sete mil reais. Novecentos e oitenta era do cofre das crianças, independentemente se era do tráfico ou não, mas toda moeda que os menino ganhava ia pra lá e depois disso ninguém nunca mais quis cofre, nunca mais ninguém guardou uma moeda. Todo dinheiro que eu vendia eu falava toma lá X ((o filho))coloca no cofre, e ele ia e colocava. Meu mesmo tinha uns dois mil e quinhentos. Se fosse do tráfico ia ser só moeda de um real ou só nota, mas tinha moeda de um centavo, tinha muita moeda, troco de bala, troco de comida, troco de tudo, foi um ano e meio juntando moeda, então tinha muita moeda, ta tudo lá no processo, meu mesmo tinha dois mil e quinhentos reais meu mesmo, o resto era meio que meu, que era meu pagamento na boca ((risos), foi o primeiro pagamento que a boca me deu, por eu ter ajudado eles a organizar porque tava tão assim, tão sem controle. Pegava dos cem pra fazer duzentos e fazia só cinquenta, droga sumia, e num tava podendo comprar arma, não tava podendo comprar munição. Na época, num era essa guerrinha, é isso que eu falo que esses meninos ficam caçando o que coçar, não era essa guerrinha. Era guerra que você acorda seis horas da manhã e tem dois, três esticado aqui, dois três esticado La em cima, dois três esticado lá embaixo e a polícia aqui aparecia? ((faz barulho com a boca dando resposta negativa)) só depois que o corpo tava 3 ou 4 horas esticado no chão. A polícia não tinha tanto peito pra entrar aqui, então tava muito ruim mesmo, muita gente de paz mudou daqui, mudou pra não morrer.

P- Qual era seu envolvimento com a guerra?

J- Com a guerra? Só encher as armas. Ainda falo só né? ((risos)). Porque no inicio a guerra começou...pergunta pra eles hoje, eles num sabe mais, num lembra, ah eu to na guerra por num vou com a cara de fulano La de baixo, o cara folgado tirou minha irmã meu, c ta entendendo? mas a guerra começou por causa de uma mulher.

P- Ah é?

J- Por causa de uma mulher que a guerra começou, e a mulher era daqui de baixo, hoje ela é presa, eu cheguei ate a ficar no mesmo presídio que ela. Eu não lembro exatamente o que ela fez, parece que eu tenho assim umas falhas de memória, ou é por causa da droga ou por causa do remédio ou os dois, e a bebida ainda ajuda. Eu sei que essa menina morava aqui, os parente dela tudo mora aqui e envolveu com um camarada lá de cima, sei também que ela usava muita droga, usa ainda, um homem atirou em outro por causa dela.

J: Por que falar a verdade até eu já fui proibida de descer lá embaixo, meu primo foi morto entendeu? Minha tia de São Paulo tinha uma casa na favela lá embaixo, ela perdeu a casa dela por causa de mim. Por causa de mim e por causa do medo né? Por que ai o que acontece quis correr atrás da justiça aquela coisa toda! Ai o ((ininteligível)) não queria que eu carregasse a arma dele, mas ai eu também queria aprender a dar tiro quero fazer isso também. Então me envolvi pulei nas cabeça mesmo, pra que ir em fulano gente? Fulano não tem nada eu ver, eu falei: Eu também entendeu? Então eu aprendi que vagabundo ((ininteligível)). Tinha gente do exercito vindo trazer as armas pra ele, então eu pensei realmente nós vamos ter guerra. Então foi aquele envolvimento muito tenso e no dia que ele veio participar da guerra. Eu ia na padaria era seis e vinte da manhã, não esqueço desse dia nunca, tinha acabado de dar uma chuvinha mansa então fico uma poças de água na rua, então assim, entrei na padaria comprei o pão tava fazendo calor demais e fui andando devargazinho lá pra boca, por causa do meu outro

baxin e o médico tinha mandado ficar de repouso então fui andando igual a uma pata xoca e arma dele pequena na minha mão. E do nada ouvi um barulho assim ai olho pra trás, alguém gritando é tiro (A) é tiro (A) na sua cabeça! Ou assim ó cada passo que eu dava era uma bala que passava então eu comecei a correr. Sabe a escadinha? Tinha um barro ali, não tinha tanta casa só tinha duas ou três casa. Eu joguei ela assim no barro e me joguei em cima, e ali eu fiquei. Ai sai correndo, fiquei muito assustada já fiquei internada também eu tive envolvimento com arma. Já me proibiram de ir na casa da minha tia na rua KK, também me proibiram de ir no posto eu ia do mesmo jeito. Eu cheguei lá no posto... Lá no posto eles quase me matou, por sorte a doutora que tava lá do programa da família na época me colocou na Kombi e foi atender lá no PA e eles falou se eu ficasse lá (posto de saúde) eles ia me matar. E se me perguntam se tinha medo? Eu não tinha medo de nada, na verdade tudo que a gente faz é com medo né? Se eu tô nessa vida que eu tô e se nada dá certo pra mim, num consigo sair... Eu não consigo ir pra frente. É por causa desses envolvimento eu falo a gente teve tanta oportunidade de ser presa e com muita coisa a gente não foi. Em nenhuma das vezes que foi preso, e ele tem várias passagens de prisão mesmo! E por tráfico, nunca foi.

P: Ele já foi julgado?

J: Já sete anos e sete meses, vai fazer cinco agora em dezembro. Então, a oportunidade de ser preso foi muito grande. Teve uma vez que chegou um cara que era amigo dele lá de São Paulo com cinco quilos, cinco quilos da pasta base sabe? É muita droga e muito dinheiro envolvido. Num dinheiro em nota, mas é muito dinheiro e nesse dia a policia passou, entrou e olhou e não achou, eu pensei nossa! Nos dia que a gente tinha quase nada eles leva a gente e leva o dinheiro.

P: Por que você acha que foi assim?

J: Eu acho que foi assim por que, uma que foi canguetado, o dinheiro. Até mesmo por que, olha o que acontece aquele dinheiro era o meu pagamento não era o dinheiro deles o dinheiro deles tava enterrado, sei lá onde é que tava. Eu não via o dinheiro dele há um bom tempo, tava guardado pra pagar todas as dívidas dele pra lá, se não tivesse pago eu tava nem viva até hoje. Só que naquele dia chegou um carregamento grande e tinha um colega dele que é do carrão maldito. Que, pô o cara é muito louco olha só pra você ver...

P: Como assim carro maldito?

J: O carro que ele tinha me dado de presente.

P: Há!

(...) O cara é muito loco, muito loco. Mudou um povo pra cá, o cara da boca, invés de estudar ver a ficha do cara ver pra que ele veio pra cá. Num foi com meia hora de conversa, acendero um baseado fumaram junto e virou amigo. E o camarada veio pra cá com a intenção por que já veio corrido de outro bairro era pilantra de boca de outro bairro. Num é a toa que eles mataram o irmão dele, ele chegou aqui todo costurado, todo furado e o cara rapidinho entroso e virou tipo braço do camarada, mas eu sou tão ordinária igual eles mesmo fala eu sou ordinária. Que se eu tiver perto ele conversar eu controlo tudo, eu não se é o capeta ou se é deus quando eu fico bêbada assim eu começo a beber e se começo a beber ou sóbria também, se eu converso com você aqui, escuto que você ta falando aqui e sei tudo o que cê fala, mas se o vizinho ta falando lá na esquina eu sei os movimento dele. Das pessoas que me interessa ta Naiane, não é todo mundo não! Tipo os cara, igual eu fico muito tensa quando eles ta aqui por que eu fico a qualquer momento eles pode chegar aqui e queimar ele, na frente dos meus filhos, acertar meus filhos e acertar gente inocente. Então eu fico conversando com ele aqui,

converso com quem tá na hora aqui, mas prestando atenção lá na esquina, polícia vem daqui, fulano vem de cá, e sei os movimento de um por um se fulano tá com arma se fulano tá sem arma.

P: Nesse momento que a gente está aqui conversando ele tá lá embaixo, você está preocupada?

J: Ele já foi! Ele já foi!

P: Ele já foi embora?

J: Essa hora ele já foi, eu ficava muito mais, hoje to tipo que... Eu to sendo tipo obrigada eu tenho que me desligar uma certa hora, infelizmente, depois de vivo ou morto eu vou ter que me desligar sabe?

P: Desligar de que?

J: Deles todos, eu não pretendo ficar aqui muito tempo não Naiane, sabe eu não tô caducando sabe. Uma coisa é uma coisa e outra é outra, mas ontem eu sentei e conversei que eu tenho que focar nisso aqui ó, eu tenho que focar na minha casa eu tenho que focar de qualquer maneira em sair dali, por que se eu não sair eu vou morrer:: ou vou presa de novo. Nó você não tem... Assim... Concepção do que eu falo. Pode não parecer perigoso, mas eu falo é na cara deles tudo, falo assim na polícia por que se vim mal educado eu xingo a polícia agora se vim educado comigo, se você sabe me tratar bem você me tem entendido? Eu só não entrego minha mãe por que eu não posso entregar ela e também por que ela não faz nada de errado. Mas eu também não vou entregar por que aí fica chato é x9, se eu pudesse varrer eu não falo nem os cara é a droga! Eu varria o crack, podia fazer tudo legal tem um lugar, não sei se aqui embaixo tá assim ainda, teve uma época que teve estava proibido de vender o crack. Por que o crack que é a maldição e não só pra quem usa não, pra quem vende também e eu acho que eu to pagando e ele também pela droga, muita droga! Eu podia ser presa com droga eu podia ser presa com revólver que tinha matado dez, vinte homicídios. Você está entendendo então foi deus que deu a permissão de entrar lá dentro e ver o sofrimento que é feito . É assim o dinheiro foi pra luxo, certa parte pra luxo ele, tinha nove milímetros ele tinha doze, tinha dinheiro na carteira, tinha umas arma importada que eu nem sei de onde vinha aqueles trem. Uma coisa muito louco mesmo, umas armas pesadonas mesmo, pra ele isso era luxo e precisão, ele abastecia a boca toda e tinha arma. Antigamente ninguém comprava revólver era só ele que comprava e dava pra todo mundo. Hoje não, hoje a lei é assim, olha se eu tenho eu vou comprar a minha por que se eu perder eu não precisar de pagar ninguém também não, entendeu? Por que o outro menino que tava aqui no comando ele chegou a colocar a mesma quantidade de arma, que esse daí que eu to com ele pôs e só que... Tá com cê Naiane rolava um desacerto cê perdia e não ficava preso, entendeu? É arma, vai lá da uma cobertinha, da um dinheirinho pra policinha civil ou que seja um café pros militar, por que tem! Infelizmente tem a raça que passa o pano, da um troquinho pra eles. Ai o que acontece libera ocê, mas leva sua arma aí se você quer a arma pra fazer suas correria tem que pagar, é cinco mil e o seu corre não da quinhentos reais, como é que vai ficar? Fica ruim, então hoje eu acho que pra eles na época era luxo e hoje eles pelo menos cada um tem a sua.

P: O que você tira de positivo dessa história toda? Pra você, o que teve de vantagem?

J: Nada, eu acho assim, não disso tudo, da minha relação com ele deixou os filhos que é herança minha. Minha herança, que pai é assim eu costumo falar muito pra (nome da filha) que boba é da mulher... Boba é a mulher pensar que ter filho e pensar que filho

tem pai, por que pai é só enquanto ta com a mulher e depois que largou a mulher não é pai mais não. Você ta entendendo? Ou não deu pra entender, não é pai mais eu não tenho filho, quem tem filho é mulher. Mãe tem filho, pai não tem. Pai não tem responsabilidade de levar no médico, trocar uma fralda, então a única coisa boa disso aí foi as minhas filha e um pouquinho de maldade que eu tenho na vida, que eu não tinha. Que agora eu consigo perceber muita coisa se é boa ou se é ruim igual eu to percebendo agora que esse trem vai feder se eu continuar ali entende? Que disposição eu sempre tive não e á toa que com sete anos eu já olhava minha irmã, com sete anos minha irmã me deixou com minha irmã e me ensinou a cozinhar. Eu tinha que cozinhar eu dava banho na minha irmã e hoje minha irmã tomou nojo de macarrão, por que a única coisa que eu sabia fazer era macarrão é a coisa mais fácil né! Eu já não como macarrão, com muito couro no jeito bruto dela de ser ela me ensinou se quer alguma coisa tem que correr atrás demais que o salário é pequeno corre atrás mesmo. Ai pro que ele me ofereceu hoje eu não to mais nesse mundo, minha cabeça é outra aí ele pode ficar. Gente o fedor de maconha que minha casa fica, hoje quando você chegou devia ter uns dez minutos que eles saíram lá do fundo, uma turma, não respeitam ninguém eu só tenho medo dos meus meninos se envolver e o resto é do meio já, não tem nem como parar como se diz já ta grudado na pele deles, entendeu? Não vivem sem drogas, não vivem sem maconha. Por isso é tudo miserável, por que eu aprendi que isso aí é um dinheiro miserável, você tem pra tomar café, mas você não tem pra almoçar, por que o dinheiro que você tem vendendo droga você não pode contar com ele nem pra comer, nem pra dormir.

P: Então você tem o dinheiro, mas não tem dinheiro?

J: Não tem dinheiro, você não tem é ilusão é tudo ilusão. Agora o meu dinheiro é suado por que eu esfrego chão demais. Sabe o que acontece juntei, juntei, juntei de novo. Morri na praia não dou minha poupança forçada, morri na praia, por que eu falo não me liga pelo amor de deus, mas o sofrimento. Eu fui lá peguei mil e setecentos reais, pra acordo. Pra acordo semana passada.

P: Pra acordo?

J: É do meu trabalho do meu suor, pra acordo da polícia, acordo da polícia. Então isso é um envolvimento? É então estou me envolvendo de novo não é? Pra eu não me envolver mais ainda eu tenho que sair dali por que uma certa vez a polícia me pediu vinte mil reais, pra liberar ele. Até me perguntam se trabalho aqui na área, eu não sei também se trabalha eu não vejo, eu não vejo muito a cara deles eu não sei como é ele. Eles tudo me conhece, mas eu não conheço eles não, os novato não me conhece muito até por que quando eles chegou eu tava sossegada. Não to envolvida, ainda! Por que semana passada eles chegaram assim olha o (nome do marido). Tal vim fui na delegacia olhei o que era não tinha nada com ele, mas levaram ele, então vai deixar de castigo? Por que o castigo é um ano, fora mais uma condenação que ele corre o risco de vim, mais ele ser reincidente e o tipo da pena. É eu na cadeia visitando fulano, abrindo perna pra mulher, levando meus filhos naquele sofrimento e aquele fedor. Falei com ele ó faz o que você tem que fazer aí, mas libera ele que sete horas ele tem que estar lá dentro do presidido. Há, mas tem um dinheiro pra conversa, eu falei: se não for muito eu tenho por que eu limpo é chão eu não to não é nas porta de bar e nem nas esquina vendendo droga não. Ai ele foi e me chamou lá pra fora por que a delegada pode chegar e ela não pode ouvir nosso papo e os militar também não pode, por que eles não aceita não levar e ter que soltar, e conversei e levei notinha por notinha o tristeza, que tristeza! Ai eu não

converso bom dia, boa tarde! Por que eu não to atendendo o telefone e pergunta por que ainda! Por que? Você ta entendendo?

P: Esse dinheiro volta pra você de alguma forma?

J: Nunca mais, nunca mais a não ser que ele vender droga e me der, mas se me der vai tomar.

P: Por qual motivo você faz isso?

J: Por causa do (nome do filho) que tava chorando muito e eu ter que visitar ele de novo, passar um ano no castigo visitando.

P: Por que você se mantém com ele?

J: Meus meninos, por isso e também igual eu falo assim o dinheiro que eu pagava de aluguel eu tava guardando. Então ali é uma economia pra mim, pra mim poder da entrada nesse trem lá, qualquer coisa pra mim morar enquanto eu tiver dependendo de moradia dele, da minha irmã ou seja lá de quem for eu vou ter que ficar aguentando ele e eu não que aguentar ele e eu não quero morar de aluguel eu quero é ter o meu. Ai eu converso aturo ele, aturo aquela família, aturo a minha família fica difícil, é complicado eu durmo e acordo com dor de cabeça. Eu quero ter minhas coisas é esse só ate esta demorando demais e onde que muita gente perde o juízo perde a noção do perigo e volta pro mundo do crime. Vai vender pedrinha na esquina hoje a pedrinha ta dando dinheiro. Mas o que ta dando dinheiro é o peixe o apelido deles lá já é peixe e não é a toa.

P: O apelido é peixe? O que é o peixe?

J: Peixe é escama de peixe é um pó ele é mais puro que os outros pós e ele é mais caro que os outros pós também, uma graminha é cinquenta conto. Só o cara mesmo, agora o cara ali só esta esperando ele sair pra colocar uma mercadoria grande na mão dele. Eu tenho que sair dali antes que ele saia de vez, ou deus tem olhado tanto por mim, já aconteceu tantas vezes dos homens pular nele e não achar nada e tem tanta coisa escondida. Eu falo tanta coisa, por que pra mim qualquer coisa é muito, passou disso aqui pra mim já é muito e cada buraquinho ali tem um pedaço em cima do telhado tem um pedaço. Eu vejo em cima do telhado esses dias o policia tentou subir e não conseguiu eu falei: O meu deus muito obrigado, por que ia levar era eu colorido e enfaixado. Por que tem isso, leva o menino e solta na mesma hora, por que é de menor e eu que tenho passagem? Eles vão falar que meu que eu que estou dando pra ele vender, por isso que eu tenho que sair dali rápido, você ta entendendo eu nunca dei nada pra vender agora não e pra ele não já dei pros maior. E outra coisa que eu acho errado, menor em boca, hoje é o mais comum. Na minha época que eu tava cem por cento envolvida não tinha menor em boca, só tinha maior.

P: Você já esteve na liderança?

J: Eu já assumi liderança aqui oito meses, foi quando eu comecei a fumar as pedras de crack.

P: Por que você deixou?

J: Assim, tinha gente que entregava ai já não era mais que buscava, já não buscava mais nada. Já tinha a pessoa que trazia o tráfico é tão organizado que tem os carro importado com gente engravatado entregando na porta. Então ai sai do emprego, foi em dois mil e sete, eu fui presa em dois mil e oito ai fiquei quatro dias lá. Ai vim eu que fazia tesouraria eu que sabia onde tava a droga eu sabia que tinha passar pra siclano, beltrano

e fulano só eu que sabia quantas pessoas que tava devendo, quanto disso quanto daquilo. Eu pirei falei pô eu não entendo disso não eu tenho que pensar que eu passei por essa humilhação quando eu tava presa lá. E a vagabunda da polícia, que não tem curso pra isso, você nunca pode fazer isso, ainda mais grávida, me levou pra um banheiro tirou minha roupa lá dentro, fuçaram dentro de mim de tudo quanto é forma que eu cheguei a perder sangue entendeu? Romperam né minha bolsa, com quatro meses, foi aquela confusão toda. Eu chorava, chorava, chorava. E queriam tanto de questão, que tava num lugar que naquela hora eu não podia pegar ai eu chorava mais ainda por que acabava ficando uma questão lá em casa e eu acabava usando ela. Então quando eu usava ela eu ficava dois ou três dias dentro de casa sem sair pra fora sem ver ninguém e nego batendo no portão querendo pegar mercadoria, nego querendo pegar o dinheiro, então eu surtei.

P: Atualmente aqui tem muitas mulheres a frente?

J: Aqui não.

P: Por que você acha que isso acontece? Por que as mulheres não aguentam?

J: Não, eu acho que isso acontece, por que tem sempre um homem na frente. Sempre tem o homem na frente.

P: É como se o homem protegesse a mulher?

J: Isso, se tiver que ir, vai primeiro. As mais cabeças não igual, mas graças a deus também se não nem sei o que seria de mim hoje né? Talvez eu estaria pior... Ou melhor eu não sei o que seria de mim hoje, mas tem que ter essa mulher é essencial ter essa mulher, mas ter aquele cara ali pra levar o nome do negócio.

P: Mas você acha que tem que ter por trás uma mulher?

J: Tem com certeza.

P: Por que você acha que tem que ter uma mulher?

J: Por que mulher é mais cabeça é mais controlada pra fazer as contas entendeu, esconder as coisas e como um menino um chegou pra mim dever ter nem um mês mais ou menos olha fulana você agora tem filho. Por que nos vamos passar uma questão pra ele. Então eu tive que tomar o controle da situação.

P: Uma questão é droga?

J: Isso, ai tive que ter o controle da situação por que se não tiver essa mulher esse cara vai trazer outro cara e vai beber e vai cheirar e vai trazer outro cara que bebe e cheira. Ai vai ficar uma turma que bebe e cheira então nunca vai sobrar dinheiro pra guardar nunca vai sobrar dinheiro comprar. Se eu compro vinte eu quero comprar é duzentos quilos de drogas, se eu pego só o crack eu vou pegar o crack e o escama de peixe vou secar o bagulho. Hoje eu passo o cão, amanhã passo o crack e depois o bagulho. Entendeu? E não vai ter a mulher pra fazer isso a mulher faz isso a cabeça do homem é apenas uma droga sabia? Se não tiver uma mulher por traz ele não consegue fazer. É esse menino enquanto não acertou na pessoa, na mulher, na companheira dele ele não cresceu. Agora esta crescendo com essa, ele deu sorte com essa por que as outras só gastava. E se não tiver uma que for cabeça vai fazer do mesmo jeito, vai ser só festaiada eu nunca fui de muita festa eu sempre fui muito de balada. Mas se eu sai pra balada assim ó, tem que ter o dinheiro até o dinheiro de volta e já tenho que ter conseguido. Então, esses fala assim essa ai merece.

P: É a escolhida?

J: É, por que muitas dessas meninas que se envolve hoje é só pra lanche, é só pra lanchinho, por que pode até fazer filho nelas, mas não assume. Pra assumir e colocar tipo numa casa dar moradia pra elas tem que ter cabeça.

P: A, obrigada, e se você quiser falar mais pode falar!

J: ((risos)) Por que quando eu começo misericórdia

P: Mas foi uma boa conversa, obrigada!